



**Universidade de Brasília – UnB
Centro de Excelência em Turismo – CET
Mestrado Profissional em Turismo**

**Reflexões sobre a prática turística e pedagógica na
construção do processo de aprendizagem por meio do
passeio escolar**

Ligia Alves da Silva

Orientadora: Profª Drª Maria Elenita Menezes Nascimento

**Brasília
2017**



UnB

**Universidade de Brasília – UnB
Centro de Excelência em Turismo – CET
Mestrado profissional em Turismo**

Ligia Alves da Silva

**Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Turismo da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Turismo.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elenita Menezes
Nascimento**

**Brasília
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SL724r Silva, Ligia Alves da Silva
Reflexões sobre a prática turística e pedagógica na
construção do processo de aprendizagem por meio do passeio
escolar / Ligia Alves da Silva Silva; orientador Maria
Elenita Menezes Nascimento Nascimento. -- Brasília, 2017.
102 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Turismo)
-- Universidade de Brasília, 2017.

1. . I. Nascimento, Maria Elenita Menezes Nascimento ,
orient. II. Título.



**Universidade de Brasília – UnB
Centro de Excelência em Turismo – CET
Mestrado profissional em Turismo**

**Reflexões sobre a prática turística e pedagógica na
construção do processo de aprendizagem por meio do
passeio escolar**

Ligia Alves da Silva

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Elenita Menezes Nascimento, Presidente CET/UnB

Prof.^a Dr.^a Maria Fernanda Farah Cavaton, Membro Externo Faculdade de Educação FE/UnB

Prof.^a Dr.^a Donária Coelho Duarte, Membro Interno CET/UnB

Brasília

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família. Aos meus pais, por terem me ensinado a lutar por meus objetivos, aos meus irmãos, por estarem sempre ao meu lado nos momentos difíceis e aos meus filhos por me ensinarem a amar incondicionalmente.

Esta é a tarefa da ciência que, sem o bom senso do cientista, pode desviar e se perder. Não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas. Tenho pena, e às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da sua segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber.

Paulo Freire

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado sabedoria, força e discernimento para conseguir lutar e acreditar nos meus sonhos;

Agradeço a minha orientadora, Professora Dr^a Maria Elenita Menezes Nascimento, pela paciência, empenho e sabedoria no decorrer das orientações e por acreditar em minha capacidade de construção;

Agradeço aos meus pais Eva Francisca de Jesus e José Francisco Neto por todo o apoio, paciência e amor, e por me ensinarem que somente com ética e bom senso eu poderia alcançar meus objetivos;

Agradeço a meus irmãos Armando e Adalton, por me apoiarem em momentos difíceis, e assim me fazerem compreender que os laços sanguíneos são verdadeiros laços de amor;

Agradeço a meus Filhos Moisés Alves, Ester Alves, Sarah Alves e Marcos Bezerra por me fazerem sentir uma mulher especial, ao me demonstrarem, com amor e admiração que a idade é a verdadeira aliada do conhecimento;

Agradeço a meus avós Florêncio Alves de Jesus e Henriqueta Alves de Macedo (in memoriam) por serem patriarcas sábios que sempre incentivaram seus filhos, netos e bisnetos a progredirem na busca pelo crescimento pessoal;

Agradeço a minhas amigas Jeanne Alves e Magna Pereira pelos conselhos, pelo suporte pessoal e profissional durante minha trajetória do mestrado;

Agradeço ao professor de graduação de Pedagogia Dr^o Erisevelton Lima por me fazer acreditar que eu poderia alcançar patamares mais elevados em minha busca pelo conhecimento;

Agradeço a todos os professores que em minha trajetória educacional contribuíram para minha construção educacional e a todos meus amigos e familiares que acreditaram em minha capacidade intelectual.

RESUMO

A pesquisa propôs a investigar como o Passeio Escolar, aliado às práticas pedagógicas, pode auxiliar educadores e educandos, no processo de construção do conhecimento. Tem-se como objetivo fazer uma reflexão sobre a prática turística realizada na escola, como suporte à aprendizagem, formando educandos aptos para o processo do conhecimento, sem delimitar a compreensão dos elementos turísticos que existem na natureza e perpassam a prática pragmatizada. Pretende-se contribuir para que, professores e alunos, se tornem parceiros na busca do conhecimento, perpassando os limites dos muros das instituições de ensino, reunir os elementos que auxiliem os professores na construção de um novo ambiente educacional, onde todos os sujeitos envolvidos, possam refletir sobre como a teoria apreendida em sala de aula pode ser utilizada na prática, durante os passeios promovidos pela escola. Com base nesta premissa a pesquisa foi realizada com professores, coordenador, diretor e educandos de uma Escola Pública da Regional de Ceilândia. A metodologia qualitativa do estudo embasada em questionários, possibilitou identificar quais são as possibilidades que o Passeio Escolar pode oferecer aos educandos, para que sua aprendizagem ocorra de maneira significativa. Foram destacadas, também, quais são as ferramentas que os educadores utilizam para agregar na prática os conteúdos que são teorizados em sala de aula. Os resultados da pesquisa mostraram que os educandos se sentem motivados quando saem do ambiente escolar, aprendendo de forma prazerosa, lúdica e participativa. Os conteúdos estudados dentro da sala de aula, tornando-se cidadãos mais críticos, e reflexivos contribuindo de forma significativa no processo educativo.

Palavras chave: Turismo; Passeio Escolar; Prática Pedagógica; Aprendizagem

ABSTRACT

The research aimed to investigate how the School Walk, combined with pedagogical practices can assist educators and learners in the process of learning construction. It aims to make a reflection about the tourism in the school as a support to the learning, forming apt teachings for the knowledge process, without delimiting the understanding of the tourist elements that exist in the nature and perpassam the practical pragmatized. The aim is to contribute to teachers and students becoming partners in the search for knowledge, crossing the boundaries of the walls of educational institutions, to gather the elements that help teachers in the construction of a new educational environment, where all the subjects involved, Can reflect on how the theory learned in the classroom can be used in practice during the school promotes. Based on this premise the research was carried out with teachers, coordinator, director and students of Public School Ceilândia. The qualitative methodology of the study based on questionnaires, allowed to identify what are the possibilities that the School Walk can offer to the students, so that their learning occurs in a significant way. Also highlighted were the tools that educators use to aggregate content that is theorized in the classroom. The research results showed that learners feel motivated when they leave the school environment, learning in a pleasurable, playful and participative way, the contents studied within the classroom, becoming more critical and reflective citizens contributing significantly in the educational process.

Keywords: Tourism; School trip; Pedagogical Practice; Learning

SUMÁRIO

Dedicatória	13
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	16
Abstract	17
Sumário.....	viii
Lista de Figuras	20
Introdução.....	21
1.2 Problema de Pesquisa.....	27
1.3 Questões de Pesquisa.....	27
1.4Objetivos	28
1.4.1 Objetivo Geral	28
1.4.2 Objetivos Específicos.....	28
1.5 Organização do trabalho.....	28
Capítulo 1 Fundamentação Teórica.....	20
1.1 Prática do Turismo por meio do passeio escolar	29
1.2 As práticas pedagógicas utilizadas no desenvolvimento do processo cognitivo.....	39
1.3 Um novo observar pedagógico mediando o aprender.....	43
1.4 A imaginação e o despertar da arte no aluno por meio dos passeios pedagógicos.....	48
1.5 A aula passeio como forma de despertar no aluno o aprender por intermédio de novas vivências e novos olhares.....	51
Capítulo 2 Instrumentos Metodológicos.....	46
2.1 Metodologia da Pesquisa.....	56
2.2 Definição da Amostra.....	58
2.3 Caminho metodológico e processo de análise.....	49
Capítulo 3 Análise dos Dados.....	52
3.1 Questionário Aplicado aos Alunos.....	63
3.2 Questionário Aplicado aos Docentes	77
3.3 Questionário aplicado ao diretor, vice-diretor e ao coordenador pedagógico	71
3.4 Síntese da análise	74
3.4.1 Um novo olhar sobreprática.....	77
Capítulo 4 Resultados	92
4.1 As práticas adotadas pelos professores para mediação do aprender e a mudança do ambiente pedagógico	92

4.2 O Turismo pedagógico: uma ferramenta do aprender.....	96
Considerações Finais e Recomendações.....	100
Pesquisas Futuras.....	103
APÊNDICES.....	107
Apêndice A Questionário aplicado aos alunos.....	108
Apêndice B Questionário aplicado aos professores.....	109
Apêndice C Questionário aplicado ao diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico.....	110

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 3.1 - Chegada dos alunos ao Centro Cultural.....	54
FIGURA 3.2 - Instrumentos musicais demonstrando que a música pode se espalhar e envolver.....	55
FIGURA 3.3 - Tambores dissolvendo a música no ambiente.....	58
FIGURA 3.4 - Marquise em frente ao Centro Cultural.....	59
FIGURA 3.5 - Entrada da Exposição.....	65
FIGURA 3.6 - Divulgação do Patrocinador da Exposição.....	66

Introdução

O Passeio escolar nem sempre é observado nas escolas como um momento lúdico de aprendizado. Essa ferramenta pedagógica, pode contribuir bastante, para as reflexões dos professores, uma vez que ela permite que eles possam observar como os alunos desenvolvem suas potencialidades, através das interações com o outro e com o meio. Como consequência os professores podem buscar alternativas para modificar os processos de ensino, que não estão funcionando de maneira significativa.

Nesta perspectiva o Passeio Escolar é observado como um Turismo Pedagógico, onde as pessoas se deslocam em busca de novas aprendizagens, em um contexto que não é a sala de aula, visando aprimoramento intelectual, por intermédio de visitas a lugares que promovam o processo ensino-aprendizagem.

O foco do Passeio Escolar é o de aprimorar o conhecimento, utilizando a teoria da sala de aula e a prática encontrada fora do ambiente escolar, vislumbrando um novo processo de conhecimento que permita ao aluno utilizar seu potencial efetivamente.

O Passeio Escolar propõem uma resignificação no processo de aprendizado, para que a escola promova a interação entre alunos e professores abrindo assim, o leque de possibilidades que já existe.

A escola necessita reinventar-se, proporcionando ao corpo discente uma nova abordagem de como aprender de forma lúdica e ao mesmo tempo interativa, onde o sujeito (o aluno) que é o alvo principal do processo, se perceba como parte desse processo, sentindo-se motivado a aprender e apreender significativamente as disciplinas que são ministradas.

Freinet (2004, p.84) destaca:

"A educação escolar foi sempre uma prova de força. Diz-se que os policiais veem sempre um delinquente em potencial em cada pessoa de que se aproximam. Os pedagogos veem primeiro, na criança, o inimigo que poderá dominá-los, se eles não o dominarem".

Essa crítica à educação tradicional feita por Freinet, ressalta que esse tipo de educação impõe ao aluno a consciência de que o professor é o detentor do conhecimento e por isso tem que ser o dominador, que expõe os conteúdos e o aluno tem que se tornar o indivíduo passivo, que apenas memoriza o que lhe é ensinado.

O professor não deve apenas expor conteúdos, ele necessita ministrá-los, articulando novos conceitos e novas abordagens, para proporcionar ao aluno uma vontade de aprender,

não somente para responder a questões temporárias, mas para aprender criativamente para seu desenvolvimento como indivíduo social.

Freire (2008, p.86) ressalta:

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Ao longo da história, a educação no Brasil vem sofrendo várias transformações, muitas são as discussões sobre as metodologias de ensino, e sobre políticas públicas para que a escola se torne um ambiente de novas e significativas aprendizagens.

Atualmente, o tempo dedicado ao lazer, se torna cada vez menos constante. As pessoas mergulham no mar dos afazeres do cotidiano, na vida estressante do universo globalizado e não percebem como isto pode afetar sua saúde física e mental.

Em um mundo competitivo, a busca da estabilidade financeira leva os indivíduos a permanecerem horas trabalhando exaustivamente, esquecendo assim de que o corpo e a mente necessitam de descanso. O simples fato de sair da rotina, em busca de outros espaços, com novas paisagens e outras culturas, proporcionam ao ser humano um revigoramento físico e mental.

Porém, nem todos os indivíduos podem desfrutar do prazer de viajar, uma vez que, os impedimentos das diferenças de classes sociais no país são grandes, tornando esse prazer em uma realidade distante para as classes menos favorecidas. Com isso vão se construindo as identidades de um povo, onde uns desperdiçam, enquanto outros vivem à margem da sociedade, a espera de mudanças que se tornam cada dia, mais difíceis de ocorrerem.

Neste contexto de rotinas, afazeres e correria, que se encontram as crianças e jovens brasileiros, bombardeados pelas infinitas informações propiciadas pela tecnologia, tendem a adoecer rapidamente se não tiverem um momento de lazer que lhes proporcionem uma atividade lúdica.

A rotina da sala de aula, às vezes se torna tão exaustiva, que até um pequeno passeio escolar, que serviria para um momento de descontração, torna-se uma aula estressante de observação impositiva, onde a riqueza dos momentos prazerosos, terão que se transformar em momentos memorizados mecanicamente, para eventuais testes em sala de aula. Segundo os autores Cardoso e Gattiboni (2012, p. 89):

Não se pode negar que o papel do professor é trazer aos alunos as informações e conhecimentos produzidos historicamente e disponíveis. Entretanto não se trata simplesmente de repassá-los mecanicamente aos alunos uma vez que o papel social da escola é permitir a apropriação crítica, criativa, significativa e duradoura.

O professor como mediador do conhecimento carrega consigo a relação de como deve ser o processo de ensino aprendizagem. Portanto o ambiente escolar necessita despertar no aluno a vontade de estudar e desenvolver suas habilidades. E o Turismo Pedagógico com foco educacional pode despertar no aluno esse processo de desenvolvimento.

Rodrigues e Alves (2014) ressaltam:

O turismo com o foco educacional surgiu na Europa com os Grande Tours em que filhos de aristocratas viajavam a diversos países a fim de conhecer e experimentar diferentes culturas e idiomas. E em uma forma atualizada dessa tendência, tem-se o Turismo Pedagógico, uma vez que este serve as escolas em suas atividades educacionais que envolvem viagens.

O Passeio Escolar portanto, pode ser visto como um Turismo Pedagógico, pois ao sair do ambiente escolar para outro ambiente, o aluno está experimentando uma nova forma de aprender as disciplinas, e de perceber a aprendizagem sobre um novo foco e um novo olhar.

1.1 Justificativa

O presente estudo, tem como objetivo, analisar as práticas utilizadas durante os Passeios Escolares que auxiliam a aprendizagem do educando, tendo como enfoque principal aliar práticas pedagógicas e passeio escolar, como uma ferramenta que auxilie educandos e educadores dentro do contexto escolar.

Ao utilizar o passeio escolar como uma ferramenta pedagógica, os professores ganham mais um suporte para os auxiliar no exercício da aprendizagem. A escola nos dias atuais principalmente a escola pública, conta com poucos recursos para o pleno desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos. Segundo Freinet (2004, p. 86):

Temos de acreditar que a máquina humana é muito mais complexa e delicada dos que os mais engenhosos mecanismos dos especialistas, pois os próprios professores de psicologia e de pedagogia são aprendizes que não descobriram ainda os verdadeiros segredos de uma ciência que os ultrapassa. Também eles, quando se encontram diante dos verdadeiros problemas da vida, diante das crianças difíceis de manejar, diante dos atrasados e anormais, numa classe heterogênea a ser conduzida e orientada, tateiam como nós, num êxito igualmente relativo.

Ao adentrar em um ambiente educacional dentro uma comunidade menos favorecida, percebe-se a precariedade que o sistema impõe aos professores e alunos. Observa-se que, a

carência de suporte para que o aluno desenvolva suas potencialidades e construa sua aprendizagem são elementos presentes.

A prática do passeio como um momento Turístico, pode despertar no indivíduo a vontade de crescer, de se sobressair e de mudar sua trajetória. A experiência de conhecer outros ambientes, de perceber que existe um universo diferente, que perpassa as paredes da escola e os limites de sua cidade, os incentivam a sonhar com um novo amanhã.

O pedagogo pode ir além de suas experiências pedagógicas. Pode diferenciar seus métodos, intervindo na relação dos alunos com o meio em que vivem, buscando formas de os incentivar a participarem dos processos que acontecem na sociedade e no ambiente escolar.

Libânio (1994, p. 171) ressalta:

O estudo do meio, mais do que uma técnica didática, é um componente do processo de ensino pelo qual a matéria de ensino (fatos, acontecimentos, problemas, ideias) é estudada no seu relacionamento com fatos sociais a ela conexos. O estudo do meio não se restringe a visitas, passeios ou excursões, mas se refere a todos os procedimentos que possibilitam o levantamento, a discussão e a compreensão de problemas concretos do cotidiano do aluno, da sua família, do seu trabalho, da sua cidade, região ou país.

A criança e o adolescente têm um processo de decisão diferenciado do adulto. Suas decisões são tomadas internamente, e seus planos são colocados em execução por meio de suas escolhas.

Esta pesquisa, pretende focar nesses processos de construção do aprendizado, e investigar como esse processo pode dar suporte aos educandos, os auxiliando a transformar-se em indivíduos reflexivos que possam vir a construir um novo olhar para o seu enriquecimento pessoal.

De acordo com Matos (2012, p. 4): “[...] é pertinente a proposição de integrar duas áreas de abrangência científica como o turismo e a educação, na medida em que estas desempenhem um papel fundamental na consolidação de uma educação de qualidade.”

Na perspectiva de garantir uma educação de qualidade a Constituição Federal em seu art. 205 afirma que:

A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (1988, p. 134)

O Passeio Escolar, nem sempre foi percebido como uma forma de promover o aprendizado do aluno. Para alguns professores, que não tinham um pensamento mais

reflexivo, o Passeio Escolar era apenas uma forma de levar os estudantes para um outro ambiente onde eles teriam um pouco de lazer e os professores teriam um dia de descanso da sala de aula.

Porém alguns autores como Freinet, já percebiam que as aulas-passeio, como ele designou despertavam nos alunos o prazer em aprender, pois ao mesmo tempo que estavam vivenciando um momento de descontração, estavam passando por uma nova percepção de aprendizado.

Quando o aluno sai do cotidiano escolar ele pode ter novas experiências, vivenciar novos aprendizados através da prática, sem medo de se sujar, de rasgar a roupa, de se machucar, pois são com as experiências cotidianas, que o aluno aprende e capta novas descobertas sobre o mundo.

Freinet (2004, p.23) ressalta:

A vida prepara-se pela vida. Se você tem medo que seu filho quebre a cabeça, rasgue a roupa, suje as mãos, corra o risco de cair ou se afogar, tranque-o na sua confortável sala de jantar ou leve-o pela coleira quando você sai, para que ele não se junte aos bandos de crianças que na rua, nos jardins, nos pomares e no mato buscam intrepidamente as suas experiências elementares. Cerque sua atividade particular com uma série de barreiras que, como o cercado do estabulo, impedirão o seu homenzinho de desenvolver os músculos e os sentidos. Escolha atentamente os discursos que lhe fizer e os livros que lhe darão a imagem sempre falsa, pois é só imagem, a vida que o chama imperiosamente. E permaneça insensível aos olhares de desejo que ele lança para as atividades proibidas, como os cabritos que, com a cabeça entre as barras do cercado, lançam o olhar e os sentidos para a natureza que os atrai.

Estimular o estudante a desenvolver suas habilidades, faz parte do processo ensino-aprendizagem, não adianta querer que o aluno aprenda, ele necessita sentir-se estimulado a conquistar essa aprendizagem. Muitos são os fatores que às vezes, levam o estudante a desmotivar-se, um deles é a falta de estímulo que existe dentro das salas de aula de muitas escolas. Algumas escolas públicas de bairros da periferia por exemplo, não oferecem um mínimo de recurso pedagógico para que o aluno se desenvolva.

Numa atitude de bom senso, o professor com sua experiência em ensinar pode redescobrir e redirecionar o processo de ensino. As dificuldades que os mestres passam dentro da escola, principalmente os da rede pública de ensino não são poucas, pois quase todas as escolas do sistema público estão sucateadas, faltando até o básico para que se mantenham em funcionamento.

Não é raro se ouvir pela televisão ou pelas mídias sociais, que as escolas públicas estão funcionando com ampla falta de recursos, às vezes sem itens básicos como papel ou até

mesmo materiais de limpeza. A falta de recursos tira do aluno a sua garantia prioritária a educação, garantia esta, prevista na Constituição Brasileira.

A Constituição Federal de (1988, art.227) ressalta:

É dever da família, da sociedade e do Estado, assegurar a criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (1988, p. 142)

O estudante por meio de suas atitudes e formas de conhecimento vai abrindo caminhos para realização de seus sonhos. A criança e o adolescente não são diferentes, também possuem sonhos de prosperar na vida. No caso da família brasileira tornou-se lugar comum a seguinte frase: “Se não estudar vai ter que recolher lixo na rua”. Embora seja uma frase de efeito pode levar a criança, desde tenra idade, a encarar seriamente a escola. Porém, mesmo com essa assertiva muitos estudantes não se sentem motivados a permanecer sentados em uma sala de aula. Em geral, os métodos os desmotivam levando-os a abandonar os estudos antes de completar o ensino fundamental.

A metodologia adotada nas escolas ainda apresenta muito da “educação tradicional”¹. O currículo² leva a formar cidadãos que são manipulados pelo sistema, que priorizam a forma de memorização, deixando de lado a parte reflexiva e crítica dos acontecimentos.

Ao sair para um Passeio, o aluno se liberta do seu sentimento de prisão, se sente livre para pensar e refletir sem os anseios e o estresse que por vezes são impostos dentro da escola. O sentimento de cobrança diminui e a aprendizagem flui de forma lúdica³, sem uma imposição.

Bonfim (apud RODRIGUES,2014, p.134) ressalta:

É a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que se justifica a utilização do turismo enquanto atividade de lazer que serve ao ensino. Portanto, percebe-se uma nova concepção da atividade, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse, contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica.

¹ Educação Tradicional: O professor é o centro de todo o processo educativo, mantendo a visão no desenvolvimento do intelecto, na imposição da disciplina como parte fundamental para o sucesso educacional, na memorização dos conteúdos como forma de apropriação dos conhecimentos tidos como essenciais. Fonte: www.infoescola.com/pedagogia/concepcao-pedagogica-tradicional.

² Currículo: Resumidamente é a organização do conhecimento escolar; uma organização dos conteúdos. Fonte: educador.brasilecola.uol.com.br/orientacao-escla/curriculo-no-contexto-escolar.htm

³ Lúdica: Forma de desenvolver a criatividade, os conhecimentos por meio de jogos, música, etc. O intuito é educar, ensinar de forma divertida e interativa.

Quando o olhar muda a intencionalidade muda. Temos que ter a percepção de uma nova escola que não seja apenas mera reprodutora de informações. Os alunos necessitam de uma escola que se foque incansavelmente nas aprendizagens.

O planejamento escolar é basilar para que o aprendizado por meio dos Passeios Turísticos, se tornem de fato uma ferramenta pedagógica que contribua para o aprendizado do aluno.

Bonfim (apud RODRIGUES, 2014, p. 133) ressalta:

O turismo pedagógico, [...] apesar de ser relativamente novo no Brasil, vem crescendo e ganhando espaço na academia[...] envolve atividades relacionadas a educação, ao aprendizado e ao conhecimento, de forma a apresentar uma visão crítica e reflexiva da realidade.

Quando se trata de educação e processo ensino-aprendizagem, tudo pode ser feito com respeito às diferenças e individualidades do aluno. Cada estudante tem seu tempo e este pode ser respeitado e avaliado pelo professor. O tempo do professor também, tem que ser respeitado, pois ele como um mediador do conhecimento sente-se afetado pelas mudanças que reorganizam a prática educacional do educando e do educador.

No caso brasileiro é urgente a necessidade de revisão no modelo educacional, pois as escolas ainda se utilizam de ambientes parecidos com prisões, cercados por muros e grades, com imposição de disciplinas e regras que muitas vezes não são adequadas para o universo educacional.

1.2 Problema de Pesquisa

Qual a relação pedagógica entre o passeio escolar e a prática do turismo, quando estes são percebidos como didáticas multidisciplinares?

1.3 Questões de Pesquisa

- a) Como as práticas pedagógicas aliadas aos Passeios Escolares podem auxiliar o educando em seu processo de aprendizagem?
- b) Educadores e educandos percebem os Passeios Escolares e as Saídas de Campo como momentos Turísticos que os auxiliam no processo de ensino/aprendizagem?
- c) Como auxiliar os educandos para que seus momentos fora do ambiente escolar os proporcione um momento lúdico de aprendizagem significativa Turística e Pedagógica?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Analisar quais são as práticas adotadas pelos professores, profissionais da educação e comunidade que possibilitam a promoção do turismo no ambiente escolar, como forma de aprendizagem e desenvolvimento educacional.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever a importância do turismo no ambiente pedagógico e seus impactos na aprendizagem do aluno;
- b) Descrever as práticas adotadas pela escola pesquisada, com seus alunos, durante os passeios escolares;
- c) Analisar as práticas adotadas pelos professores nos passeios organizados pela escola, na avaliação formativa do aluno;
- d) Apresentar os efeitos dessas práticas na formação dos alunos e propostas para a escola pesquisada.

1.5 Organização do trabalho

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos além da Introdução e das Considerações Finais. Na Introdução são descritos os objetivos, as questões de pesquisa e a justificativa. No Capítulo 1 é apresentada a Fundamentação Teórica que serviu de base para o desenvolvimento do estudo. O Capítulo 2 trata dos instrumentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho e a metodologia adotada para que se chegasse ao processo de desenvolvimento e a análise dos dados da pesquisa. O Capítulo 3 apresenta a análise dos dados levantados na escola escolhida. Os resultados foram confrontados em conformidade com os conceitos dos autores de referência dessa pesquisa. O Capítulo 4 trata dos resultados obtidos com a pesquisa. Finalmente, são apresentadas as Considerações Finais e as recomendações para que, o Passeio Escolar se torne uma ferramenta que promova o desenvolvimento cognitivo do aluno. São apresentadas também, as Referências Bibliográficas e os Apêndices, que contêm os questionários que foram aplicados com os estudantes, professores, coordenador e diretores da escola pesquisada.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este Capítulo apresenta a fundamentação teórica do estudo. Discorre sobre as práticas escolares que são utilizadas nos momentos do passeio escolar e como essas práticas auxiliam os educandos em seu processo de aprendizagem e construção do conhecimento.

1.1 Prática do Turismo por meio do passeio escolar

A prática do passeio escolar é muito utilizada nas escolas como momento de descontração e aprendizagem. Essa prática é um procedimento que visa aproveitar a capacidade criadora e inspirar a imaginação dos alunos despertando neles a curiosidade e a capacidade cognitiva. Porém, nem sempre essa prática é aproveitada de uma forma abrangente, em que o estudante possa desfrutar de um momento de lazer aliado ao aprender significativo e o professor possa construir através de suas práticas pedagógicas uma nova leitura dos métodos de ensino.

Matos (2012, p. 3) ressalta:

A escola deve e pode produzir conhecimento que vai além das teorias, da retórica e da aula puramente expositiva para que as aprendizagens possam enfrentar a sociedade de forma a transformá-la de fato com a ideia de que, o acúmulo de conhecimentos oriundos de um processo caracterizado por ensino que o coloca como sujeito das ações educacionais, é o principal elemento de sua cidadania.

Quando se aplica o conhecimento, a consequência direta é o crescimento do aluno como ser humano. Libertam-se as críticas, as expressões e a percepção de conquista de novos objetivos, levando o indivíduo a se valorizar como autor de sua história.

Por meio das práticas turísticas, o aluno sai de seu ambiente estático, de um universo escolar repleto de frases repetidas e aprendizados mecanizados e passa a ser um pesquisador, que pode refletir e criar sua própria fala, reescrevendo um novo contexto.

Ao sair de dentro da sala de aula, para descobrir um novo lugar com novas possibilidades, o aluno torna-se mais interativo, esquece por um momento as imposições que às vezes lhe roubam a vontade de aprender. O aluno sente-se à vontade para se associar com as pessoas e com o meio. O artigo (206 inciso II) da Constituição Federal afirma que o ensino

será ministrado com o seguinte princípio: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”.

Ressaltando ainda o que afirma a Constituição Federal em seu artigo 208 inciso V, o dever do Estado com a Educação será ministrado mediante a garantia de: “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (Brasil, 1988).

Se o Estado garante esse acesso aos estudantes, então porque tem-se tantas desistências de crianças e jovens da vida escolar? A resposta não está longe dos olhos da sociedade. Temos hoje uma população de adolescentes desmotivados por não se sentirem acolhidos na escola.

As metodologias de ensino, em sua maioria pouco contribuem para que o educando se sinta parte do ambiente escolar. Quando adentramos em algumas escolas, principalmente a escola pública, percebemos que da mesma forma que existe a segregação territorial existe a segregação estudantil. Nesse sentido é fundamental que as políticas públicas se apoiem em parâmetros de qualidade e que levem em consideração a realidade e as tendências futuras na educação.

O Passeio Turístico e Pedagógico é um momento onde podem aparecer, os debates, os anseios e as problematizações. Fora do ambiente escolar os alunos se motivam a interagir, a falar sobre suas limitações e sobre suas críticas e reflexões. Criticar e refletir faz parte da condição humana, porém se o estudante se sente tolhido e podado dentro da escola, ele não se colocará de forma assertiva frente aos verdadeiros problemas que os afligem.

Sacristán (apud VILLAS BOAS 2008, p. 123) relata:

Longe de vislumbrar no horizonte uma sociedade desescolarizada ou mais escolarizada, o que se quer é uma escolaridade mais “substancial”; não para incluir mais conteúdos, “comprimindo” ainda mais a experiência, mas para torna-los mais relevantes. Mais do que aprender a aprender – meta que só se alcança aprendendo algo substancial e fazendo-o adequadamente - o que é preciso adquirir é a necessidade de seguir aprendendo. Uma exigência que nos leva a considerar vários argumentos e a necessidade de algumas iniciativas.

Vale observar que para os estudantes seria mais proveitoso se o aprendizado fosse utilizado também, para promover mudanças em sua formação, onde o seu processo de busca fosse repensado para novas produções, e não meras reproduções, pois todo o saber não precisa e nem deve ser copiado e sim (re) significado com metodologias diferentes.

O Turismo em geral é utilizado em momentos de ócio, onde toda a carga de fadiga pode se converter em bem-estar físico e emocional, em que o eu reflexivo pode aflorar de maneira plena para se ter a percepção do antes e do depois. Assim, para que a força da prática possa dar sentido aos sentimentos e ações, a teoria não deve se sobrepor a prática. Dessa forma, considerando que os alunos são sujeitos pensantes, os educadores não devem avaliá-los mecanicamente, pois como avalia Bock (2002, p. 117) “a abordagem cognitivista diferencia a aprendizagem mecânica da aprendizagem significativa”.

Quando o aluno aprende de forma mecanizada, ele não está associando essa aprendizagem com nenhum conhecimento que já possui. Apenas decora algo que lhe é imposto para que se sobressaia em um eventual teste classificatório.

Os métodos de ensino muitas vezes são exaustivos, levando o aluno a se desmotivar e a perder o prazer pelo aprendizado. O sistema educativo com suas imposições, por vezes, pode levar o aluno ao fracasso escolar, por persistir em uma prática que pode vir a tolher as iniciativas do indivíduo, não o vendo como um ser reflexivo ou seja, apenas como um indivíduo que pode ser manipulado pelo sistema.

Atualmente, a avaliação tem sido cada vez mais classificatória, ao invés de formativa. Segundo Macedo (apud JOAQUIM, BRESSAN, CARDOSO e ASCARI 2016, p. 255): “Uma avaliação formativa ajuda o aluno a compreender e a se desenvolver. Colabora para a regulação de suas aprendizagens, para o desenvolvimento de suas competências e o aprimoramento de suas habilidades em favor de um projeto.” Ainda segundo Perrenoud (apud JOAQUIM et al 2016, p. 256): “A avaliação tradicional, não satisfeita em criar fracasso, empobrece as aprendizagens e induz, nos professores, didáticas conservadoras, e nos alunos estratégias utilitaristas.

Portanto, o aluno tem sido avaliado de maneira classificatória apenas por números que na maioria das vezes tiram do mercado de trabalho indivíduos inovadores que poderiam contribuir com a geração de novos conhecimentos. Vale observar que nem todos os estudantes são bem sucedidos ao responder uma prova, pois podem estar envoltos em uma forte carga de estresse, no entanto, se tivessem sido submetidos por outras formas de avaliação poderiam ter se destacado.

Estudar o meio em que se está inserido por intermédio de passeios turísticos, é uma forma de enriquecer a aprendizagem do educando, o auxiliando a encontrar novas formas de aprender, com um novo olhar.

Para Matos (2012, p. 4):

O estudo do meio sempre foi utilizado, sempre existiu e sempre existirá, haja vista que ele enriquece os estudos do fenômeno turístico colaborando para sua epistemologia e multidisciplinaridade. Assim, para entendermos o turismo pedagógico é necessário uma compreensão acerca do estudo do meio, já que ambos possuem as mesmas raízes epistemológicas.

Portanto, é importante que o olhar pedagógico, com toda a sua gama de informações e análises, esteja atento e tenha a percepção de que cada aluno aprende de uma forma diferente, que cada ser humano é único em sua forma de expressar e desenvolver. Portanto, durante os passeios escolares quando o aluno está fora do ambiente escolar, sem o medo de ser avaliado ele pode se desenvolver significativamente.

Segundo Carrara (2004, p. 136), “[...] a criança nasce com uma única potencialidade, a potencialidade de aprender potencialidades; com uma única aptidão, a aptidão de aprender aptidões; com uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender e nesse processo desenvolver sua inteligência”

Portanto, o professor deve estar apto a desenvolver todas as práticas necessárias para que o educando se desenvolva, respeitando sua autonomia, dignidade e identidade. Freire (1996, p. 62) sobre essa questão argumenta que: “Saber que devo respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. [...]”

Dessa forma, o olhar pedagógico e social necessita apresentar amplitude, respeito, valorização e compreensão, para que o educando obtenha o empoderamento do processo educacional. Todo indivíduo seja criança, jovem ou adulto necessita de incentivo emocional, social e educativo para desenvolver uma consciência crítica e reflexiva. Quando somamos saberes, multiplicamos o conhecimento, subtraímos a ignorância e dividimos experiências auxiliando assim o desenvolvimento da educação.

Segundo Demo (1993, p. 183), “o professor precisa definir-se, em sua substância, pela capacidade comprovada de construção própria original, na condição de pesquisador apto a inovar em sua área científica e fecundar o processo de inovação”. O professor necessita inovar a cada dia, buscando o conhecimento, pesquisando e se capacitando para ser detentor dos diversos saberes.

Quando o professor se capacita, para exercer com responsabilidade seu papel na sociedade, na realidade ele está se capacitando para contribuir com a transformação de cidadãos, que se tornarão indivíduos capazes, saudáveis e éticos.

O profissional da educação não pode ser apenas ser um ditador de regras e imposições. Esse profissional tem como uma de suas finalidades, promover a interação da criança e dos jovens com o meio em que vivem. A visitação de pontos turísticos, não pode se tornar apenas uma rotina de cumprimento de protocolo escolar. Ela precisa ser um meio de construir no indivíduo uma (re) significação. Um meio de mostrar para o aluno como aproveitar seu momento de lazer associado aos estudos, para que todas as informações ali apresentadas sejam apreendidas.

Candau (1996, p. 173) destaca:

Penetrar no cotidiano escolar, fazendo parte dele, mas distanciando para refleti-lo melhor, pode significar um caminho possível para redimensionar, a força ideológica da escola clarificando a ação a ser desempenhada pelos educadores, como sujeitos agentes da socialização.

O professor é um orientador e um construtor de histórias. É o professor que desperta no aluno sua capacidade de refletir, de usar sua mente para assimilar o que há de melhor no meio em que vive, auxiliando o aluno a buscar constantemente o conhecimento.

Contudo se o professor perder-se dentro do conteúdo, nem ele nem o aluno seguirão em frente, pois não se pode direcionar, se não se sabe a direção e certamente o fracasso será inevitável.

Villas Boas (2008, p. 122) argumenta que:

Ao perderem o controle sobre seu processo de trabalho, recebendo pronto o que vão desenvolver com seus alunos e, conseqüentemente, se acomodando, os professores perdem a oportunidade de aprender e, assim, de se empenhar para que seus alunos progridam.

À medida que o professor vai auxiliando o aluno com seus conhecimentos, ele o incentiva a construir e entender sua identidade, através da percepção do outro, então o aluno começa a identificar o que é diferente e o porquê dessas diferenças.

Quando o aluno se desloca do ambiente escolar, sua procura por lazer é mais evidente. Ele busca outros objetivos que lhe proporcionem além do conhecimento, uma forma lúdica de expressar suas habilidades, ou seja busca uma forma de ser, não apenas, um mero receptor de uma aprendizagem mecanizadas.

Os momentos turísticos, podem auxiliar os alunos a assimilarem a teoria que aprenderam em sala de aula, porém nem todos os alunos conseguem aproveitar esses momentos lúdicos, por não atenderem as regras da escola (terem cometido indisciplina, terem obtido notas baixas ou não cumprirem as tarefas escolares), são excluídos dos passeios. Cabe então aos professores e profissionais promoverem ações para que esses alunos não se sintam discriminados por não participarem dessas atividades. O Passeio Escolar é portanto um suporte pedagógico valioso nesse processo.

Os alunos da periferia em especial, vivem à margem da sociedade, sonhando com uma oportunidade, vislumbrando um mundo que parece não pertencer a eles, pois a disparidade social é de tal natureza que se sentem em um mundo à parte. A falta de oportunidades e de recursos financeiros os fazem permanecer mais um mundo imaginário, do que em mundo real, realizando viagens através da imaginação. Lêem os livros e as revistas e se imaginam nas ilhas tropicais, na neve, nas luzes de Paris, observando um universo que parece paralelo ao deles.

Neste sentido, os pontos turísticos podem despertar no aluno a sensibilidade de enxergar além dos objetos. Para eles, os lugares passam a ser mais do que espaços de visita tornando-se ambientes de lazer cultural, onde o observador analisa e avalia de forma significativa todos os lugares por onde passa.

Para Smart (1978, p. 109) “O mundo não pode ser experimentado ou conhecido numa forma bruta, livre de interpretações, pois é um mundo de objetos e relações significativas constituídas de modo intersubjetivo e que estão no mundo e não na mente do observador”.

Nesse contexto, o professor necessita buscar alternativas para motivar o aluno para novos conhecimentos, despertar seu senso crítico, que às vezes está adormecido pelas imposições mecânicas do sistema, de forma a torná-lo mais ativo e integrado às transformações do mundo. Ao sair do cotidiano da aula diária para estar em um outro ambiente, a visão e o entusiasmo do aluno são renovados, pois os passeios feitos para um lazer cultural, desperta tanto no professor quanto no aluno uma motivação e uma perspectiva de mudança.

Beni (2004, p.81) enfatiza que:

As motivações turísticas têm atraído a atenção de quase todos os estudiosos principalmente na Espanha, cognominada, “o país do Turismo”. Daí San Roman afirmar. “O fenômeno turismo é independente do motivo que o provoca, podendo ser tanto vocacional ou cultural, quanto comercial, de saúde, sentimental, por trânsito e outros”. Claro está que o motivo tem grande influência no estudo do

Turismo ao provocar um comportamento totalmente distinto com repercussões diretas em estruturas de gastos, duração de permanência, frequência da visita e outros.

Contudo a prática turística realizada como um aprendizado fora da sala de aula, não pode ser percebida apenas como momentos de "brincadeiras", estes momentos são de aprendizado e de busca de novos conhecimentos, pois o turismo como ciência social pode proporcionar ao educando, reflexões, inovações e renovações do seu saber. Não basta apenas olhar os lugares, o aluno deve observá-los para que os seus momentos extraclasse sejam ricos de informações que serão aproveitadas posteriormente com o objetivo de o enriquecer culturalmente.

MOESCH (2004) destaca: “o conhecimento do turismo é uma construção, vai além da informação, o indivíduo se torna consciente que a realidade não é apenas uma construção pura e simples pois ele pode construir através de outras formas de pensamento com sua criticidade”.

Nesse sentido, o objetivo dessas atividades é também tornar o estudante um indivíduo crítico, que possa analisar as possibilidades de forma racional, estudar os lugares com um olhar analítico, observando as possibilidades que esses lugares oferecem de forma a agregar conhecimento novo. O Turismo abre assim, um universo que possibilita ao aluno pensar e refletir sua forma de aprender. Possibilita também ao professor repensar suas práticas, analisar seus métodos de ensino e rever sua didática e seus conceitos pedagógicos.

Não basta apenas retirar o aluno de dentro do contexto escolar para que ele se encontre como ser pensante, deve-se levá-lo a lugares onde o seu eu reflexivo possa se tornar determinante, um eu que consiga se expor através da observação de outros espaços.

Moesch (2004, p.110) ressalta:

O que confere uma impressão de imediatez à observação é que não se colocam de maneira alguma em questão as teorias que servem de base à interpretação; a observação é uma certa interpretação teórica não contestada (pelo menos no momento). Ao passo que, se observando um fluxo de pessoas visitando um outro lugar que não o seu local de residência, coloco em questão o meu conceito de turista, não terei mais o sentimento de observar, mas de teorizar. Uma observação seria, portanto uma maneira de olhar o mundo integrando-o à visão teórica mais antiga e aceita.

Não é tarefa fácil para o professor estar sempre atento às necessidades dos alunos, mas é necessário, pois cada aluno tem sua especificidade, seu ritmo e o olhar do mestre deve estar sempre atento a interpretar esse ritmo.

É no afastamento da sala de aula que se pode explorar mais a capacidade do aluno, sua força de interpretação e de investigação. Isso ocorre uma vez que, por meio dos passeios turísticos os alunos podem observar outros ambientes e pessoas, não utilizando esses passeios apenas como lazer, mas como fonte de conhecimento investigativo.

Para Morin (2011, p. 10) “qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções-chave).” Ou seja, o aluno vai aprendendo através de suas buscas a ser seletivo, aprimorando assim os conhecimentos que considera significativos e separando os que não aprendem significativamente.

Por intermédio dessas buscas, o professor vai identificando como pode moldar sua didática para aperfeiçoar suas aulas, fazendo com que cada aluno possa experimentar coisas novas e agregar de maneira significativa esses novos conhecimentos. Porque o ser humano se constrói a cada dia, através da gama de conhecimentos que vai agregando. O aluno então, começa a se conscientizar de que pode moldar-se todos os dias através da busca por novos e significativos aprendizados.

Nas palavras de Japiassú (2002, p. 54):

Todo fato humano possui um pano de fundo biológico. E toda história converte-se em história natural. A consciência e seus derivados culturais, o conhecimento e as atividades criadoras possuem múltiplas significações primeiras e implícitas, correspondendo ao exercício das funções vitais. Neste sentido, tanto as espécies quanto os indivíduos obedecem a um primeiro programa (genético) no qual se precisam as necessidades elementares e os instintos construtivos da vida humana. E todas as aspirações ulteriores, bem como todos os valores que se propõem os homens, os grupos e as sociedades, enraízam-se nesse conjunto de exigências primitivas.

À medida que o professor vai auxiliando o aluno com seus conhecimentos, o incentiva a construir e entender sua percepção do mundo e de entender a diversidade que há, em torno da cultura e do lazer, através da percepção do outro, e de como ocorre as diferenças culturais, o aluno começa a agregar ideias novas e a refletir sobre essas ideias, passando a ser um indivíduo construtivo e resolutivo.

Não basta o querer mudar. A mudança tem que acontecer através dos atos e meios utilizados para que aconteça de fato. Por isso, o professor necessita ter um olhar reflexivo sobre si, para definir como conduzir seu processo educativo, sabendo que sua prática e sua avaliação determinará se o aluno está aprendendo de forma significativa ou apenas memorizada.

Observar o outro com um novo olhar, externo ao seu ambiente fora de sua zona de conforto, buscando sempre a reflexão de como pode ser melhorado é uma prática que pode e deve ser adotada pelos educadores ajudando os alunos a construírem seu portfólio respeitando o diferente através de um novo olhar.

Hall (1999, p. 37) ressalta que:

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios e não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes “boa” e “má”, a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos chave da “formação inconsciente do sujeito” e que deixam o sujeito “dividido”, permanecem com a pessoa por toda a vida.

Sendo assim, a identidade não é nata, ela vai sendo construída ao longo do processo e permanece incompleta, pois está sempre sendo formada, conforme nossa autoafirmação ou negação, porque a identidade é algo inacabado. Sua construção é feita à medida que vamos evoluindo no caminho do conhecimento e na busca de nós mesmos.

Freire (2008, p.77) usou sabiamente as palavras quando disse: “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação⁴ em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade”.

Quando o professor consegue intervir no processo, ele pode auxiliar seu aluno a mudar sua realidade, o retirando da acomodação, o instigando a pensar, a refletir, a avaliar seu processo de desenvolvimento, se percebendo como ser pensante que pode construir e reconstruir sua identidade. Como seres inacabados que somos, temos também uma identidade inacabada, que pode ser construída e reconstruída todos os dias sendo transformada ao longo do caminho.

Conforme o conhecimento vai se ampliando, o aluno começa a ter consciência de que o outro é diferente e cada um tem sua singularidade. A diferença não esbarra apenas nas semelhanças, mas também na percepção e na visão que o outro tem em relação ao mundo e as outras pessoas.

O dever da escola é fazer com que o aluno reflita sobre o conhecimento, que necessita ser exposto e não imposto como uma verdade, que não pode ser questionada; os alunos devem

⁴ Acomodação: Recolhido, instalado, acondicionado.

fazer parte do contexto como seres participantes, e a escola precisa estar aberta às discussões e a exposições de diferentes temas sejam eles éticos ou políticos.

Tanto a instituição quanto o professor, podem oferecer ao aluno a oportunidade de atuar como um sujeito participante e transformador, o deixando perceber que ele é um cidadão capaz de tomar decisões e expor opiniões sobre todos os temas abordados no universo educativo, não existe ninguém melhor do que o próprio estudante para opinar sobre alternativas que resultem em melhorias nos métodos e práticas educativas.

Nessas práticas tem que haver discussões sobre assuntos de diversidade e diferença, porque convivemos com diferenças culturais, raciais e sociais, e todos esses temas devem ser abordados e discutidos abertamente em sala de aula, porque não somos uma raça única somos a mistura de todas as cores.

Hall (1999, p. 62) relata:

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque – contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos, no interior do que chamamos de “raças” quanto entre uma “raça”. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica.

A vida social tem cada vez mais se modificado pelo mundo globalizado, as pessoas têm acesso a mais informações, viajam mais se socializam com diversas culturas, o que influencia em sua identidade, pois a identidade se envolve com as representações e com as imagens, e quanto mais informação o indivíduo acumula, mais a sua identidade vai sendo construída ao longo do processo.

Para Hall (1999, p. 59): “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional, busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional”. Ou seja, a cultura tem e deve valorizar todos os indivíduos independente de sua cor, raça ou credo, porque todos estão inseridos em um mesmo contexto ajudando e auxiliando no desenvolvimento e na evolução da sociedade.

1.2 As práticas pedagógicas utilizadas no desenvolvimento do processo cognitivo

Os alunos podem vivenciar e colocar em prática no seu dia a dia tudo o que é aprendido nos momentos de lazer, tanto os promovidos pela escola, como o que eles têm com a família em suas viagens e passeios. Muito se aprende quando se conhece outras culturas, ou simplesmente quando se sai para explorar um ambiente turístico. O olhar aguçado na novidade fornece ao aluno mais informações, pois ele se prende a detalhes que não são comuns em seu cotidiano.

Podemos passar por um mesmo lugar várias vezes, mas esse lugar nunca será percebido com o mesmo olhar, sempre terá algum novo detalhe para ser observado. O estudante também viaja através dos livros, lendo sobre os diversos lugares e caminhos estratégicos que existem em uma localidade e um dia quando visitar esse local terá a sensação de já ter estado lá. Essa percepção é descrita por Halbwachs (2003, p.73) da seguinte forma:

Eu me lembro de Reims porque lá vivi um ano inteiro. Lembro também que Joana d'Arc esteve em Reims que lá Charles VII foi sagrado rei, porque ouvi dizer e li. Joana d'Arc foi representada tantas vezes no teatro, no cinema etc., que realmente não tenho nenhuma dificuldade para imaginar Joana d'Arc em Reims. Ao mesmo tempo, sei muito bem que não posso ter sido testemunha do acontecimento em si: atenho-me aqui às palavras que li e escutei, signos reproduzidos através dos tempos, que são tudo o que me chega desse passado.

Não é tarefa fácil expor para os alunos todas as práticas que levam a um aprendizado que trabalhe o seu cognitivo, explorando sua capacidade de utilizar sua memória e construir sua identidade, pois este é um tema amplo que exige um trabalho árduo do professor. Porém, quando esse tema é tratado de forma lúdica, o aluno aguça sua curiosidade e passa a ser também mais que um aprendiz, se tornando um pesquisador, pois os questionamentos começam a aflorar em suas mentes.

Segundo Freire (2009, p. 113) ensinar exige saber escutar:

(...) Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro, fala com ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente.

Não basta falar sem nos animarmos a agir, a ação do professor focado no aluno o incentivará a buscar em suas reflexões os caminhos necessários para lidar com suas memórias, sejam elas adquiridas em sala de aula ou no cotidiano. Quando o aluno chega na

sala de aula, ele traz toda uma bagagem de informações, informações estas adquiridas no meio social onde ele vive, através do convívio com seus familiares.

Matos (2012, p. 8) afirma que: “No campo dos aspectos atitudinais, o turismo pedagógico é fruto de experiências que proporcionarão ao aluno, fora do ambiente da família e da escola o uso de sua liberdade [...]”.

Essas histórias mexem com o imaginário, principalmente das crianças que viajam através das palavras que vão tomando formas dentro de suas mentes, pois a compreensão da criança ainda não está totalmente desenvolvida e ela não consegue associar determinadas falas a determinados acontecimentos ou entender como um “boi” é um ser tão grande e é chamado por um nome tão pequeno.

Nesse momento o papel do pedagogo se torna essencial, com sua prática ele irá auxiliá-las a entender os mais variados signos existentes na nossa língua, signos esses que compõe a nossa cultura diversificada e nos ajudam a compor nossa identidade.

A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. Além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. (Hall, 1999, p. 40).

A identidade vai se construindo através das produções sociais, vivemos em um meio no qual a diversidade faz parte do cotidiano e a língua tem seus mais variados significados, porque temos uma gama de sotaques que circundam o país. O mesmo objeto pode ter outro nome dependendo do estado; a forma de pronunciar as palavras se diferem, por isso convivemos com igualdades e diferenças, sejam elas de cor, gênero ou raça; mas diferenças que se misturam na busca de uma sociedade igualitária.

Buscamos sempre o conhecimento nos mais diversos campos do saber, estamos sempre a procura de novas oportunidades e de novas conquistas; e no que se refere ao turismo não é diferente, porque o turismo vai além do lazer e da viagem; ele é uma ciência que desenvolve o conhecimento e a busca, e essa ciência como as outras está sempre agregando novos olhares perpassando por todas as áreas do saber.

Martins Bicudo (1983, p. 9) ressalta:

Para que possa conhecer “exatamente” o seu objeto, aquela ciência tende a separá-lo dos demais fenômenos que a ele estão relacionados. Possuindo “objeto de estudo e método específico que o aborde”, funda uma nova ciência ou área de especialização. Desse modo, parcializa e afasta-se da questão

básica que impulsionou o ato original do conhecimento daquele se. Com isso, pode gerar um distanciamento do pensar autêntico, concerne ao significado fundamental que subjaz aos procedimentos chamados científicos e pode permanecer ao nível do fazer técnico. Ou seja, pode permanecer apenas trabalhando com fórmulas, com conceitos, com símbolos que representam ideias sobre as coisas gerando infinitamente, mais fórmulas, mais conceitos, mais símbolos.

Por isso o professor pode auxiliar o aluno desde cedo para que, ele compreenda que todo conhecimento é construído através de pesquisas, e que nenhum conhecimento pode ser visto como algo acabado, tudo se transforma e se renova principalmente o saber.

E o saber turístico também é assim transformado através das observações e contribuições que os indivíduos vão deixando através de suas teorias e práticas. O aluno vai descobrindo que um passeio pode transformar sua capacidade de raciocinar.

Porém vivemos na coletividade, e se não construímos no coletivo não conseguimos alcançar nossos objetivos individuais; porque nossa história é construída a cada dia por todos os fatos que acontecem no cotidiano.

Bock (2002) destaca a importância intencional do adulto – do planejamento competente do educador – e também a importância de atividades com grupos de crianças de diferentes idades e níveis de desenvolvimento, onde quem sabe ensina quem não sabe.

O indivíduo pode voltar seu olhar para o novo, para a mudança, seu pensamento não pode permanecer estagnado no senso comum, o indivíduo também deve buscar o conhecimento científico para entender as transformações que acontecem em sua volta e essas transformações são fenômenos sociais.

Para Smart (1978) os fenômenos sociais são caracterizados, ou reconhecíveis, pelo que representam para os membros do mundo social. Por isso todos os fatores que acontecem dentro ou fora da sala de aula devem ser tratados de forma aprofundada tanto pelos educadores quanto pelos educandos para que o aprender significativo verdadeiramente aconteça.

Le Goff (2009) ressalta:

De fato, a realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e de um depois, não se limita, em nível individual ou coletivo, à oposição presente/passado; devemos acrescentar-lhe uma terceira dimensão, o futuro. Santo Agostinho exprimiu, com profundidade, o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas que este presente tem várias dimensões, “o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras.

Para os alunos seria menos enfadonho se seus momentos de descanso resultassem em momentos que sua memória fosse aproveitada para enriquecer seus estudos. A memória do estudante não pode servir apenas como uma esponja que absorve toda a informação possível, para depois expelir quando pressionada. Essa memória necessita ser utilizada para ampliar seu aprendizado, de forma a garantir que, todo seu esforço de observar os detalhes, sejam trazidos à tona como lembranças significativas, que possam auxiliá-los tanto individual como coletivamente.

Quando o professor leva seus alunos a um ponto turístico, o aluno pode perceber e aprender sobre diversas coisas, porém tudo de uma forma mais lúdica sem sensação de cobranças. Ele pode falar sobre cultura, sobre o meio ambiente, a poluição dos rios, lagos, mares, a poluição do ar e como tudo isso pode prejudicar a fauna e a flora. Dessa forma ele desperta em seu aluno a consciência crítica pois o aluno percebe que a competência de cuidar do meio em que vive não é apenas dos governantes, é também competência da sociedade como um todo.

Beni (2004, p. 132) relata:

Ainda que problemas de poluição hídrica e do ar não sejam de competência apenas da administração municipal, levando-se em conta principalmente a ausência de recursos e de serviços específicos para combate à poluição (exceto o serviço de esgotos), a sua existência deve ser registrada. A poluição de cursos de água, represas de praias e de orlas marítimas é provocada pelo lançamento excessivo de esgotos, particular de efluentes líquidos industriais que prejudicam a flora e a fauna. Quanto à poluição do ar, deve ser acusada a presença de estabelecimentos industriais, nocivos ou incômodos na localidade urbana ou muito próximos a ela. Incluem-se, neste caso, indústrias com resíduos gasosos de cheiro desagradável, poeira, fuligem e outros.

Ao desenvolver no aluno o senso crítico, o professor o está inserindo como um cidadão atuante no mundo social, um indivíduo que trará benefícios para a sociedade contribuindo para a transformar. Um cidadão que deixará suas contribuições pelo conhecimento e que atuará de forma ativa no mundo.

A prática educativa deve funcionar como um meio de formação de seres pesquisadores divulgadores de ideias, e não apenas meros reprodutores de conhecimento. O indivíduo deve estar inserido de forma participativa, mergulhado na busca dos acontecimentos, e dos fenômenos sociais, para que deixem seus “achismos” de lado, e saibam formular perguntas coerentes, pois não há resposta definitiva para o conhecimento.

Perceber o passeio escolar como uma aula, ainda é difícil para muitos alunos e professores, pois o turismo e os passeios ainda são vistos como momentos de pura estagnação.

Porém, devemos deixar de ver o turismo como um campo apenas de diversão e percebê-lo como uma ciência que precisa ser aprofundada e ganhar novas contribuições.

Para Dumazedier (1994, p. 194) o tempo livre é uma sociologia do lazer que não pode e nem deve ser marginalizada:

Será por acaso que a sociologia do lazer ocupou até hoje um espaço marginal em relação às sociologias dominantes do trabalho, da educação, da família, da religião, ou da política?

A maioria dos sociólogos que começaram a estudar nosso tema o abandonaram para passar a estudos mais “sérios”. No entanto outros foram mais obstinados. Perseveraram, suscitando nas Américas do Norte e do Sul, Europa ocidental e oriental, pouco a pouco, uma rede de “marginais” persuadidos de que abrem um setor novo da sociologia que irá assumir uma importância crescente, com a pós-industrialização da sociedade.

O Passeio Escolar mais que um tempo de lazer, é uma ferramenta de aprendizagem que auxilia o professor a orientar seus alunos sobre as mais variadas disciplinas, por meio do conhecimento, praticado em loco.

1.3 Um novo observar pedagógico mediando o aprender

Quando o professor se torna um observador ele também desperta no aluno o sentido da observação, e este passa a desenvolver uma nova forma de perceber os fatos e os fenômenos. A observação permite que os detalhes surjam e que as reflexões aflorem, não se podendo dizer que houve uma boa observação se os fatos não vieram à tona ou se os detalhes passaram despercebidos.

O observar tem que ser curioso e criterioso, para que se desenvolva o aprender. É através da observação que se sai da zona do senso comum e começam a surgir os novos saberes, as novas descobertas.

Desde pequena a criança já é um exímio observador, pois ela vai aprendendo conforme vai observando os detalhes exercidos pelos adultos, por isso ela deve ser sempre instigada a observar e a refletir sobre essas observações, para que suas descobertas tragam uma nova roupagem para o seu aprender.

Sendo assim o observar dos indivíduos se prende àquilo que mais lhes chama atenção, os condicionando a ocupar suas mentes com o que lhes proporcionem prazer ou não. Estabelecendo-se assim uma ponte entre o que determinam ser mais importante e o que deixam em segundo plano.

Por intermédio dos conhecimentos que os educandos podem obter com o Turismo, ele poderá trazer para seu universo escolar o que vivenciou no seu estudo de campo, através de

suas observações e de sua integração com o meio. Cada um analisa de forma diferenciada sua passagem pelo ambiente visitado, tornando-se assim um ser que participa e interage com o meio, desfrutando dos momentos. Um indivíduo apto a participar, mesmo que seja de forma seletiva.

O professor é essa ponte mediadora dos educandos com o meio, e com os fatos históricos; é ele quem desperta no aluno a vontade de aprender e apreender os fatos históricos e sociais, porque é por meio da observação e das explicações que se pode vivenciar e relatar os fatos.

Segundo Paviani (2009, p. 56) “[...] ver, perceber, observar não são atos simples. Eles pressupõem um ver, um perceber e um observar a partir de um ponto de vista de uma determinada visão de mundo, de uma perspectiva implícita ou explícita, que pode ser teórica ou simplesmente ideológica”.

Para o aluno o que ele vivencia no caminho do conhecimento, se torna sempre algo marcante, claro que ele não irá se lembrar especificamente de todos os fatos que aconteceram durante sua trajetória, mas sempre haverá algo ou um lugar que ficará marcado como de suma importância para sua aprendizagem, um acontecimento que aguçou sua percepção seja por um fato bom ou ruim.

Por isso não raramente podemos encontrar pessoas que estudaram na mesma classe e uma delas lembrar de vários fatos que ocorreram em determinado momento e a outra não ter as mesmas lembranças, ou lembrar de forma diferenciada, lembrando apenas de alguns acontecimentos isolados. Isso ocorre porque nem sempre o que é marcante para uma pessoa é marcante para a outra, isso faz parte da seletividade que existe em nós. Sobre essa questão Paviani (2009, p. 56) ressalta:

[...] perceber e observar são operações que se autodeterminam e que se transformam em explicações da própria experiência de ver, de perceber e de observar. Nessa circularidade, qualquer ato, como o de descrever, de explicar ou qualquer objeto desses atos depende do próprio ato de ver, de perceber, de observar, de descrever, de explicar e de interpretar.

Observar significativamente necessita de uma releitura da forma de como avaliar os fatos e os acontecimentos. Em geral, as pessoas estão sempre à procura de algo, em especial do diferente. A vida é uma busca constante de conhecimento e de questionamentos, por isso estamos sempre tentando encontrar respostas para nossas indagações.

Nossas relações com o outro nos torna indivíduos envolvidos com a sociedade e comprometidos com as mudanças e com as novas descobertas; e é por isso que o professor tem que aguçar em seus alunos o espírito investigativo, para que ele se reflexivos.

De acordo com Morin (2011, p.110) “Há uma diferença entre informação e conhecimento, porque o conhecimento é organizador. O conhecimento supõe uma relação de abertura e de fechamento entre o conhecendo e o conhecido”. Não basta ser detentor da informação, tem que ter conhecimento desta informação, para que ela seja significativa.

Morin (2011) afirma ainda, que o aluno não necessita apenas de meras orientações, ele tem que se sentir instigado pela vontade do aprender, do buscar o conhecimento que se fixe em seu ser. As informações entram em suas mentes a todo momento, mas ficam apenas como frases soltas. Porém, o conhecimento é algo que estimula e fica computado e fixado no mais íntimo de seu ser.

Em suas afirmações Morin destaca também, que o aluno tem que ser “visto”, ele não pode apenas preencher o espaço, ele tem que participar desse espaço, refletir ativa e criticamente dentro do ambiente escolar, para que se transforme em um sujeito crítico e reflexivo que possa interagir em sociedade. Assim, quando o aluno conhece verdadeiramente o conteúdo, ele traduz a realidade, codifica e decodifica seus pensamentos e traz para o mundo exterior o que estava interiorizado dentro de si. Ele se torna portanto, mais que um mero leitor das realidades e sim um releitor das relações humanas.

Segundo (Freinet, 2004) o professor pode aliar teoria e método, para alcançar o objetivo de fazer com que seu aluno se torne um produtor de ideias, e não apenas um receptor de conhecimentos que se amontoam sem nenhuma significação. O conhecimento não deve ser repassado como se fosse uma receita, ele deve ser exposto, de forma a agregar elementos que instiguem o raciocínio do educando. O aluno deve estar livre para aprender, seu dinamismo que muitas os tornam tidos como indisciplinados pelos pais e por alguns professores, os tornam seres autênticos que buscam exteriorizar seus sentimentos e pensamentos pelo ato imaginativo.

Quando os adultos começarem a não tentar reprimir o dinamismo das crianças e dos jovens, através de suas formas metódicas de ensinar, o universo educacional se transformará em um ambiente prazeroso para os educandos. Os professores começarão a discutir o futuro ao invés de se aterem ao passado.

Nós ficamos, por um tempo longo demais, em conversas intermináveis, remoendo os problemas do passado, que nem sempre são os do dia seguinte; as crianças vão com a vida que caminha, e nós somos tentados a retê-las, incessantemente, pois a corrida

delas nos exaure e seu dinamismo nos atordoa e cansa. Aqueles que nos escapam para empunhar a vida avidamente e dominá-la são os mesmos que, ultrapassando as nossas esperanças e os nossos ensinamentos, se obstinam em farandolar, em vez de seguir comportadamente os patamares metódicos que pretensiosamente arranjamos na grande aventura da vida. São jovens ases do pedal, do ringue ou do estádio que, nem momento, atingem uma celebridade que nos irrita por ser fruto daquela ultrapassagem; são os artistas e os poetas, aqueles potros escapados da cocheira que, apesar dos nossos apelos, partem, cabelos ao vento, à conquista de horizontes desconhecidos. (FREINET, 2004 p. 32)

O ser humano se torna arrogante ao pensar que já sabe tudo, que sua prática e seus métodos já estão acabados e que pode colocar um ponto final em sua pesquisa. Esse pensamento é um ledó engano, o conhecimento nunca acaba ele é perpétuo, quanto mais aprendemos mais temos o que aprender. Não existe pesquisa finalizada, porque sempre haverá uma nova linha de pensamento. Assim, vai se construindo um imenso portfólio, onde cada um contribui com sua busca constante aperfeiçoar o universo em que vivemos.

Parafraçando Santos (2002) pode-se afirmar que o cientista é um criador, ele não descobre as coisas ele as cria e todo conhecimento científico é autoconhecimento porque o cientista conhece intimamente o seu objeto. Nesse contexto, o professor é um criador, uma vez que através da sua prática educativa criar métodos que ajudam na construção do conhecimento do educando e essas práticas podem ser testadas dentro ou fora do ambiente escolar, por intermédio das observações que o aluno obtém do meio ambiente, com os passeios a museus, as galerias ao teatro, ao cinema, etc.

As relações humanas também são uma forma de conhecimento, pois através do convívio com o outro, podemos nos identificar e saber o que somos e o que não somos em relação ao outro.

Morin (2011, p. 111) considera:

Conhecer é produzir uma tradução das realidades do mundo exterior. De meu ponto de vista, somos produtores do objeto que conhecemos; cooperamos com o mundo exterior e é essa coprodução que nos dá a objetividade do objeto. Somos coprodutores de objetividade. Por isso faço da objetividade científica não apenas um dado, mas também um produto.

Quando o professor se torna um sujeito que utiliza suas produções, para fazer com que o seu aluno também se torne um sujeito produtor, ele injeta no aluno o pensamento de que este pode modificar-se e modificar as mais diferentes formas de pensamento. Transformando e (re) transformando o conhecimento, fazendo com que o educando exponha sua criticidade, para se exteriorizar, ajudando nas relações destes com o meio. Introduzindo o aluno na sociedade, o capacitando para o mercado competitivo e para o universo das relações sociais.

A prática pedagógica tem a capacidade de modificar o outro, pois como os seres estão em constante evolução, possuem a dádiva de se modificarem todos os dias pela prática diária da construção de pensamentos e sentimentos. Assim, o conhecimento vai sendo adquirido por intermédio das mais diferentes relações do ser consigo, como o meio e com o outro.

O conhecimento pedagógico deve estar organizado e planejado para que as práticas educativas desempenhem realmente o seu papel no aprender do educando, pois o planejamento é primordial para que ocorram as mudanças.

Libâneo (apud SANTOS 2002, p.53) apresenta as competências dos gestores e docentes dos quais três dessas competências são descritas a seguir:

"Conhecimento sobre crianças, adolescentes, jovens e adultos nos aspectos cognitivos, afetivos, corporais, éticos, estéticos, considerados em contextos específicos de sua experiência pessoal, familiar e social;

Conhecimento para planejar, organizar, reavaliar e avaliar situações didáticas (teoria do conhecimento e concepções de ensino e aprendizagem, processos e procedimentos didáticos e comunicacionais, currículo e seleção de conteúdos, planos de ensino e estratégias de aprendizagem, didáticas das disciplinas específicas, teoria e procedimentos de planejamento e avaliação);

Conhecimento geral e profissional, questões sociais, culturais, estéticas e éticas que envolvem a prática educativa (solidariedade, diversidade e pluralidade cultural, orientação sexual, saúde, meio ambiente; valores e atitudes; atualidade política, literatura, cinema, arte popular e erudita, desenvolvimento do senso estético, vivências culturais como participação em exposições, cineclube, teatro e outras formas de manifestação cultural)";

O convívio com as novas ideias transformam-se em novas construções, porque mais que um estudante, o educando se transforma em um pesquisador que se expande através de suas reflexões e das novas formas de compreender a si, e ao outro. Por meio dessas construções, o professor pode avaliar se sua prática está beneficiando o conhecimento de seus alunos, como eles estão interagindo com essas práticas, e se o aprender desses alunos realmente é um aprender significativo, ou simplesmente uma memorização das informações.

Dessa forma é possível afirmar que quando o estudante sai do ambiente escolar para um Passeio Turístico, ele passa a ser um observador criterioso dos espaços de visitação, integralizando-se com o meio, avaliando os locais visitados e os interpretando. Portanto, passa a entender que o Turismo é uma fonte de conhecimento e de construções de saberes.

A identidade cultural é constituída por todos os fatos que aconteceram no passado, no presente e que ainda acontecerão. A memória de um povo, seja ela individual ou coletiva, reflete todos os fatos e falas que vão se constituindo ao longo do tempo. Os objetos, as paisagens, tudo é evocado de nossas lembranças.

Para aprender a ler, a escrever, ou até a tocar um instrumento é necessário ir lembrando, memorizando os movimentos e os sons para que as imagens criadas mente se reproduzam nos instrumentos ou no papel. Fontes (2004, p. 273) afirma que vivemos em uma sociedade imediatista e nos tornamos a cada dia mais solitários, as informações chegam muito rápido através da mídia televisiva e do computador.

Pensar em um novo olhar para a educação, e novas ferramentas para a aprendizagem não é tarefa fácil. Os educadores têm um enorme caminho a percorrer e muitos obstáculos pela frente, mas a transformação faz-se necessária. Não se pode falar em novos aprendizados sem novos fazeres. É pela a mediação do educador com o educando dentro e fora do ambiente escolar que surgirão novas práticas e novos conhecimentos.

1.4 A imaginação e o despertar da arte no aluno por meio dos passeios pedagógicos

A vida estudantil tem várias facetas e se o estudante não aprender a lidar com todos os impercalços que encontra pelo caminho, nunca aprenderá de fato a lidar com o conhecimento. Por intermédio dos conhecimentos prévio o estudante carrega consigo uma gama de saberes desconhecida pelo professor, e por seus pares. É na sala de aula que estes saberes serão compartilhados.

Vigostki (1999), considera que a arte e a imaginação, faz com que a criança aprenda por entre a nuances de sua imaginação; é durante a infância que construímos nossos sonhos e o realizamos através do imaginário. Quando somos pequenos um simples borrão de tinta pode se tornar em uma linda sereia, as marcas de infiltração das paredes se tornam em monstros terríveis ou lindas princesas. No universo infantil quanto no mundo adulto tudo é concebido primeiramente em nossa mente para depois se concretizar na realidade.

Por meio do passeio turístico, o professor pode aproveitar a magia que se forma na cabeça dos estudantes por estarem eufóricos com a possibilidade de sair do ambiente escolar e

fazer um planejamento prévio de como utilizará as informações obtidas durante esse momento de aprendizagem. Sobre essa questão Scremin (2012, p. 28) relata:

As instituições muitas vezes programam passeios culturais, sociais e religiosos com o objetivo de promover um novo conhecimento, porém algumas vezes sem importância de um planejamento adequado para que tal atividade se desenvolva com qualidade contribuindo significativamente para o aluno.

Por meio dos Passeios Escolares, os professores podem detectar como está o aprendizado do aluno e como o mundo em sua volta pode despertar seu interesse pelos estudos. O Passeio Turístico é mais que uma simples prática de lazer é um momento de reflexão e de prática pedagógica onde professor e aluno podem desenvolver uma nova forma de aprender prazerosamente.

O educador por ser um mediador do conhecimento não pode apenas focar-se em conteúdos programados e métodos esquematizados, ele necessita deixar-se envolver pelo potencial de cada aluno, por sua maneira de aprender, pois cada um aprende de uma forma diferente e a seu tempo. Portanto, ele necessita avaliar seus métodos de ensino e suas formas de avaliação. Freitas (apud VILLAS BOAS, 2008, p.114): “considera que o par objetivos/avaliação direciona o par conteúdo/método, isto é, por meio dos objetivos e da avaliação é que se tomam as decisões quanto ao conteúdo e a metodologia.”

As práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas fora das quatro paredes da sala de aula, fazendo com que cada aluno se liberte e se sinta à vontade para aprender e expor suas ideias; talvez durante um passeio aquele aluno mais tímido e contido dentro da sala de aula fica mais à vontade para dar suas opiniões, e demonstrar aos colegas seus conhecimentos prévios e os que aprendeu ao longo de sua jornada estudantil.

Todos os envolvidos no processo de aprendizagem necessitam estar abertos para um novo olhar, dedicando-se a aprender e expor novas ideias, tornando-se autores e atores de histórias de um novo universo educacional. Claro que as práticas e as teorias estarão sempre aliadas a algumas regras o que é de praxe; porém temos que abrir nossas mentes para o novo para o que as vezes achamos inconcebível e assim visualizaremos uma nova maneira de auxiliar o ambiente educacional através das práticas turísticas juntamente com os conhecimentos pedagógicos.

Para Vigotski (1999), a arte tem que buscar o seu lugar de valorização educativa, o professor é o organizador do espaço educativo. E dentro desse espaço ele pode desenvolver no seu aprendiz uma forma de aprender que não seja mecanizada porque os seres humanos são seres de possibilidades, e esse ser a partir da sua base biológica se desenvolve.

Considerando os argumentos de Vigotski (1999), o Passeio Escolar pode criar no aluno um novo olhar para o mundo e despertar o seu desejo de viver a arte e a imaginação pois, quando o aluno sai da sala de aula sua imaginação pode criar infinitas formas e seu aprendizado pode fluir. A arte parte da imaginação de um indivíduo para despertar a imaginação de vários indivíduos, pois por meio da arte o ser humano consegue acessar suas emoções.

De acordo com Ito (2011, p. 107): “Através de visitas monitoradas aos pontos turísticos da cidade os estudantes podem construir conceitos referentes aos conteúdos, da área de Geografia, História e temas transversais com mais facilidade[...]” A referida autora afirma ainda que, ao observar outros ambientes o aluno pode descobrir um novo mundo nas imagens. Ao ver uma exposição de arte, por exemplo, pode observar os objetos com um olhar apurado que pode escapar da observação do professor. Toda a magia da imaginação e da fantasia se reúnem e novos conhecimentos vão sendo agregados ao mundo "irreal" que se desenvolve em sua mente.

Portanto, a arte pode despertar esse ato de imaginar, de não se preocupar com o que está ali acabado, mas de "inventar" um mundo novo transformado pela imaginação do observador. O professor às vezes, não entende esse refinamento que o aluno tem em sua percepção das coisas, porque o aprender é recheado de novas descobertas e novos significados.

Vigotski (1999, p. 315) ressalta:

A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. E muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções.

As crianças desde sua tenra idade fazem descobertas incríveis ao observar os sons, as paisagens, as figuras e até mesmo o rosto das pessoas. Para elas tudo se torna um pouco mágico, e o que é pequeno as vezes se parece imenso, em seu mundo de infinitos personagens.

Volket (apud VIGOTSKI 1999, p. 7) relata que: “O objeto estético adquire o seu caráter estético específico apenas através da percepção, da sensação e da fantasia do sujeito receptor.”

Os métodos de ensino muitas vezes são exaustivos levando o aluno a se desmotivar e a perder o prazer pelo aprender. O sistema educativo com suas imposições às vezes leva o aluno

ao fracasso escolar por persistir em uma prática que tolhe o indivíduo, não o percebendo como um ser reflexivo, e sim como um ser que pode ser manipulado pelo sistema. Rodrigues (2007, p. 73):

Ao mesmo tempo em que expõem a face oculta do sistema de ensino, Bourdieu e Passeron negam qualquer possibilidade de romper com as estruturas de reprodução e afirmam que as teorias pedagógicas na verdade são uma cortina de fumaça que procura ocultar o poder reprodutor do sistema que está nas mãos dos educadores. Simplesmente não há saída: o sistema de ensino filtra os alunos sem que eles se dêem conta e, com isso, reproduz as relações vigentes. Não há possibilidade de mudança. A própria revolta estudantil, para eles, não faz mais que reforçar o sistema. Pois ela é absorvida e serve como aprendizado para as estruturas melhor se comportarem no sentido de reproduzir relações.

Ao observar o universo estudantil, nos deparamos com muitos aspectos que atordoam tanto os estudantes quanto os professores. As diversas formas de avaliar que nem sempre são formas que beneficiam o aluno, pois os deixam apreensivos e desorientados nos testes propostos em sala de aula.

Nos momentos de avaliação os professores necessitam estar aptos a perceber o aprender do aluno, não apenas pela memorização dos temas abordados, mas também por sua vivência dentro e fora do ambiente educacional.

1.5 A aula passeio como forma de despertar no aluno o aprender por intermédio de novas vivências e novos olhares

Ao sair do ambiente escolar o estudante ganha uma nova forma lúdica de aprender, se sente livre para perceber o mundo de uma forma diferente da que está acostumado dentro da sala de aula. Sua percepção do ambiente a sua volta se torna diferente e um universo de novas possibilidades lhe é apresentado.

Quando o professor consegue dissolver sua crença de que, o aluno só aprende com conteúdo programado dentro da sala de aula, ele se torna mais proativo e consegue libertar também seu eu imaginativo, auxiliando o aluno em sua busca pelo aprender.

O currículo está sempre em movimento para haja essa interação professor aluno, onde os dois possam se comunicar, e chegar a um consenso de como a aprendizagem pode fluir de maneira que o aluno aprenda e não se sinta desmotivado pelas imposições do sistema educacional.

A compreensão do currículo como parte do projeto político pedagógico da escola revela um desafio para o diretor de escolas, cuja aquisição de habilidades e competências necessárias para tanto nem ele nem o coletivo da escola poderão mais

adiar. Se há um item da gestão escolar que não pode ficar sem a devida priorização, e o da gestão do currículo por meio de uma concepção que se articula ao projeto político-pedagógico sob uma visão emancipadora do que seja ensinar, aprender e avaliar. (LIMA, 2011 p. 64).

O currículo precisa primar pela necessidade do aluno, pois este não pode ser apenas um mero espectador das práticas educacionais, ele deve ser participante da ação e o professor estar apto a observar como o estudante aprende e como a aula pode se tornar mais interessante.

Ao observar o comportamento do aluno, o professor percebe como estão sendo feitas as acomodações da aprendizagem, porque o aluno não constrói seu conhecimento sozinho ele interage com o meio educacional, e social em que vive e capta dos adultos suas ações. A criança por meio de sua forma de agir e interagir com as outras crianças através da brincadeira, dá vazão aos seus sentimentos e seus anseios. A construção de sua conduta e de seu comportamento, se molda e se transforma, dependendo de como interage com o conhecimento que adquire.

Para trabalhar os conteúdos relacionados aos passeios escolares o educador precisa manter o foco no educando e em suas necessidades. Procurando sempre o suporte necessário para se trabalhar os conteúdos utilizando as ferramentas pedagógicas adequadas. A prática educativa ao aliar-se a teoria de forma contextualizada, faz com que os alunos aprendam com reflexão, analisando os conteúdos criticamente, reconhecendo todos os passos do processo educativo, assimilando assim todas as informações.

[...] a aula passeio proposta por Freinet apresenta-se como possibilidade de enriquecimento das atividades e ações pedagógicas. Sua metodologia permite que a criança alcance três objetivos principais: Autonomia – vivenciando situações reais, assumindo novas responsabilidades e descobrindo capacidades; Pesquisa – ao ampliar o campo das investigações, chegando a descobertas inesperadas e interessantes e Integração – pois privilegia o encontro com o outro (colega, monitor ou professor) em ambiente fora do cotidiano, incentivando o desenvolvimento do vínculo afetivo. (ITO 2010, p. 196)

Ao sair do ambiente escolar as paisagens são ressignificadas pelos estudantes, pois estes passam a perceberem-se como agentes transformadores do processo educacional. Começam a ver a sociedade de uma forma diferente, percebendo que fazem parte não somente de sua comunidade ou do ambiente escolar em que vivem, mas que são cidadãos atuantes da sociedade como um todo. E que são capazes de ajudar na construção de um novo processo educacional.

O Passeio Escolar auxilia também o educando a entender a diversidade cultural que existe no país, que ele vive em um universo de significados e que o processo de construção do conhecimento é uma ciência cheia de significados e interpretações.

Geertz (apud Silva 2011, p. 22) salienta:

Acreditando como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimenta em busca de leis, mas sim uma ciência interpretativa, a procura do significado. E justamente explicações que eu procuro, analisando expressões sociais em sua enigmática superfície.

Se o professor salientar seus métodos por meio de projetos que demonstrem para o aluno que sua participação faz diferença, que suas indagações e questionamentos podem contribuir com a cultura do meio em que se socializam, os educandos se tornarão mais participantes e atentos as situações. Transformando-se em indivíduos que agem ativamente no desenvolvimento dos projetos da escola construindo assim um novo ambiente pedagógico.

As ações humanas se diferem, as pessoas estão sempre procurando transformar e serem transformadas, tentando descobrir coisas novas, se abastecendo de conhecimento, porque o conhecimento é a base para que essas transformações aconteçam e é na escola que ele é aprimorado.

Nessa perspectiva o turismo pedagógico é uma ferramenta que auxilia construção do conhecimento do aluno, proporcionando-lhes um envolvimento com as atividades escolares e possibilitando que aprendam de maneira diferenciada a construir sua cidadania.

Ito (2011, p. 114) ressalta:

A correlação entre turismo e educação é patente. Pois na prática do turismo está presente o processo de aprendizagem, conceitos de diversas áreas do conhecimento são construídos e reelaborados, pois não se pode negar que ao visitar um lugar, o turista entre em contato com suas singularidades: Expressões artísticas, folclóricas, geografia e história, entre outros que podem estimular e enriquecer o arcabouço de conhecimento e conceitos deste indivíduo.

Portanto, por meio da prática do professor e de sua contextualização os alunos podem aprofundar seus conhecimentos com autonomia e confiança, sabendo que sua identidade, poderá ser construída através de suas interpretações, construções e reflexões sobre o mundo e o meio em que vivem. Essas construções sejam elas individuais ou coletivas, auxiliarão o aluno no processo de aprender e apreender.

Rodrigues e Alves (2014, p. 147) ressalta:

[...] o Turismo Pedagógico se apresenta como uma possibilidade de transformação para as relações estabelecidas no espaço educacional. Transversalmente esta tipologia turística dá forma a ações e atividades que possibilitam a inserção de docentes e discentes em espaços formais e não formais na busca por produzirem

conhecimento num movimento de “aprender a aprender” ao passo que se aprende por meio da vivência com o outro e com o meio.

O turismo pedagógico é o caminho que pode levar o aluno a essas novas construções, pois com uma nova forma de aliar a teoria aprendida na sala de aula, com a prática utilizada durante os passeios escolares, o estudante consegue reorganizar o seu conhecimento e passa a ter um outro observar sobre a aprendizagem.

“[...] As propostas do turismo pedagógico devem primar pelo conteúdo e pelos aspectos cognitivos e afetivos do processo ensino-aprendizagem, pois esse é o espaço da aprendizagem com prazer, que objetiva a convivência, o debate, a crítica e a ampliação do conhecimento”. (Ito, p. 60)

Assim, entender o turismo como um processo de conhecimento não é tarefa fácil principalmente quando já está enraizado o pensamento de que turismo se reduz a viagem e visitasões.

Aliar o saber turístico com a prática pedagógica é um desafio para professores e alunos, porém é através dos desafios que se desenvolvem grandes descobertas. O conhecimento é uma descoberta diária, que impulsiona ao ser humano a seguir em frente e a pesquisar, procurando aliar prática e teoria.

Levar o aluno para um outro ambiente, deixando que ele exponha suas idéias faz com que ele possa de uma forma diferenciada descobrir seu potencial como cidadão que pode sim ser participante ativo do seu processo de conhecimento. Para Freneit (2004), as aulas passeios potencializavam nos estudantes a vontade de aprender e de vivenciar novos conhecimentos em um outro ambiente diferenciado da sala de aula.

Porém, como o conhecimento é algo inacabado, a procura de novas concepções, novas reflexões, novos olhares, fazem parte do processo da busca e da pesquisa, para que novas ideias surjam e que o olhar pedagógico e educativo se transforme em um ato de construção humana.

Paviane (2009, p. 113) afirma que “uma das posições céticas consiste em afirmar a impossibilidade do conhecimento, e outra posição em afirmar que não se tem certeza sobre o que se conhece”.

O educador não pode ter seu conhecimento como algo acabado, porque o conhecimento não tem limites. A cada instante surgem novas formas de observar as

indagações dos educandos. Através das pesquisas de conhecimentos já produzidos um novo conhecimento surge e com ele novas inquietações e reflexões.

Nos momentos dos passeios escolares, quando o aluno se afasta do seu ambiente educacional (de sua zona de conforto) é quando se percebe como “sujeito”, que podem refletir sobre novas formas de aprender. Esse é o momento que ele se depara com novas ferramentas que poderão auxiliá-lo a adquirir um novo conhecimento e um novo desenvolvimento cognitivo.

Na inserção entre atividades pedagógicas voltadas para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos, com as atividades lúdicas e entretenimento próprio dos passeios e das viagens, reside o espaço do turismo pedagógico. É o espaço da aprendizagem feita com prazer, mas não é aquele prazer típico da alienação, é o prazer que é fruto da ampliação do conhecimento, do esclarecimento, da convivência e do lúdico. (RAMOS e TELLES, 2005 p. 15).

Quando o educador usa suas habilidades com responsabilidade seu trabalho é abordado coerentemente e as perspectivas de uma aprendizagem significativa para o aluno se multiplica. Os aspectos humanos são diversos e os alunos são dotados de infinitas habilidades que podem e devem ser exploradas pelo educador dentro e fora do ambiente escolar.

Ensinar de maneira contextualizada, adaptando as informações de forma que cada um possa refletir sobre essas informações, torna o aluno um sujeito reflexivo, capaz de argumentar sobre os diversos âmbitos da sociedade em que vive.

Um dos grandes desafios da escola é formar cidadãos capazes de ter voz ativa no mundo inserindo-os não apenas no mercado de trabalho, como também no mercado social. Esses estímulos induz o aluno a permanecer ávidos por novas descobertas e novos conhecimentos, pois o ser humano vive do anseio de aprender e da necessidade de expor suas inquietações.

Capítulo 2

Instrumentos Metodológicos

Este Capítulo trata dos instrumentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa foi construída com base nos seguintes passos metodológicos: Pesquisa Exploratória; Aplicação de questionário; Análise e comparação dos dados e Definição dos resultados apurados. Ressaltamos também que como foi uma pesquisa de cunho qualitativo não nos preocupamos com números, trabalhamos com os dados descritos no instrumento questionário

2.1 Metodologia da Pesquisa

“O método é antecipado na definição dos objetivos específicos, na formulação do problema e na escolha da teoria ou do quadro teórico. Não é algo isolado. O método pode ser entendido em diversos sentidos”. Paviani (2009, p. 125)

Neste estudo foi utilizada uma pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2003), responde a questões particulares. Ela se preocupa, nas ciências, com um nível de realidade que não pode ser quantificada, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos e aspirações.

Portanto, a metodologia da pesquisa está baseada em uma abordagem qualitativa, com investigação e compreensão da realidade experienciada por estudantes, professores, diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico de uma escola da Rede Pública de Ensino da Regional de Ceilândia. Foi utilizado o instrumento questionário para coleta dos dados da pesquisa.

A partir dos objetivos do estudo, classifica-se a pesquisa como exploratória interpretativa. Exploratória porque foi feita através da análise de documentos e pesquisas bibliográficas para que se encontrasse respostas para os questionamentos. Conforme Severino (2013, p. 123), “A pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim, um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

Esse tipo de pesquisa procura desenvolver uma visão mais abrangente dos fatos a serem estudados, explicar e esclarecer de forma consistente a investigação.

A observação participante também foi utilizada para que se obtivesse outras formas de dados para o enriquecimento da pesquisa, pois ao observar os atores pesquisados em seu ambiente o pesquisador obtém uma base mais aprofundada para sua observação. Esta observação visa buscar fundamentos e dados para análise do meio em que vivem os atores da pesquisa.

A técnica da observação participante, segundo Duvergeur (1975); Mucchielli (1996) e Cruz Neto (1996), “se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, a fim de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seu próprio contexto”. Oliveira (2007, p. 80).

Durante o processo de observação participante o observador deve integrar-se com o grupo observado participar e cooperar com os observados, porém não deve intervir em suas questões.

Segundo Oliveira (2007, p. 81):

Na observação participante, o pesquisador (a) deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo. Essa participação pode ser mais intensa quando o pesquisador (a) é parte integrante do grupo pesquisada, ou seja, quando se identifica com esse grupo pelo cotidiano da vida, das ações e aspirações.

Foi feita a análise de documentos da escola tais como: o Currículo Escolar e o Projeto Político Pedagógico da escola. Na pesquisa de documentos esperava -se ter acesso às informações primárias que iriam auxiliar na coleta de dados, essa pesquisa pode ser feita no momento que acontece o fato ou depois. Sendo essa de grande contribuição para o autor.

Esse procedimento é bastante recomendável, visto que o pesquisador precisa reconhecer em profundidade o contexto em que se insere seu objeto de pesquisa. O acesso a documentos escritos – seja em forma de relatórios, artigos, jornais, revistas ou mesmo em livros e documentos eletrônicos – em muito contribui para um conhecimento mais aprofundado da realidade. OLIVEIRA (2007, p. 90).

Foram aplicados questionários (Vide Apêndices A, B e C junto aos estudantes, professores, diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico da escola, com o intuito de obter as informações necessárias para a justificação e relevância da pesquisa. O questionário foi aplicado para estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental em uma Escola Pública da Regional de Ceilândia.

Oliveira (2007, p. 83):

O questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo. Em regra geral, os questionários têm como principal objetivo descrever as características de uma pessoa ou determinados grupos sociais.

De acordo com Lakatos (2003, p. 201), “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Vale destacar que ao utilizar o questionário como um instrumento da pesquisa, espera-se poder levantar informações sobre as características do grupo pesquisado. O pesquisador deve fazer com que o pesquisado sinta-se à vontade para responder as perguntas, sinta-se motivado e consciente de que suas respostas irão contribuir para a construção de um objeto de pesquisa que agregará mais conhecimento para a sociedade.

2.2 Definição da Amostra

Mediante uma pesquisa em Escolas Públicas da Regional de Ceilândia foi escolhida uma escola de Ensino Fundamental. A decisão foi decorrente do fato dela ser uma escola de alunos da classe média baixa e da classe baixa daquela Região Administrativa. Os participantes da pesquisa foram alunos de duas turmas do 9º Ano do Ensino fundamental, de turmas indicadas pela professora de História.

Os estudantes pesquisados tinham entre 14 e 16 anos, todos moradores de Ceilândia, dos bairros Ceilândia Sul, Ceilândia Norte e Sol Nascente. Estudaram sempre em escola pública, segundo informação dos mesmos e pertencem a classe baixa e classe média baixa.

Utilizou-se para coleta de dados o instrumento questionário contendo: cinco perguntas, para os estudantes, sete perguntas para os professores e cinco perguntas para o diretor e vice e coordenador pedagógico (Apêndices A, B e C).

Cervo & Beviran (apud OLIVEIRA 2011, p. 37) apresenta a seguinte definição sobre questionário:

“[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Ele pode conter perguntas abertas e/ou fechadas. As abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e as fechadas maior facilidade na tabulação e análise dos dados.

Ao utilizar o questionário conseguimos analisar quais as expectativas e dos estudantes durante os passeios escolares e como eles percebem esse momento de aprendizagem que acontece fora da sala de aula.

Os questionários foram respondidos por 66 estudantes sendo que, 45 são do sexo feminino e 21 estudantes do sexo masculino. Somente duas professoras responderam ao questionário, a professora de História e a de Português, tendo em vista que as aulas de campo contemplavam suas disciplinas.

O diretor e o vice também responderam o questionário e conversaram com o pesquisador informalmente. Deram sugestões sobre o instrumento da pesquisa dentre elas a substituição de algumas palavras do questionário. A priori, o questionário perguntava enfaticamente sobre Passeio Escolar. Por sugestão do diretor houve a substituição para o termo **Saída de Campo**, uma vez que esse é o novo instrumento utilizado pela escola para promover e aprimorar o processo de teoria e prática, visando uma nova roupagem para o ensino e a aprendizagem escolar.

Essa ferramenta dita **Saída de Campo** se assemelha com a Aula Passeio proposta por Freinet (2004), que baseou seus escritos, em sua vida simples, pois cresceu em uma aldeia rodeado pela natureza e percebeu que o meio ambiente é um grande aliado no processo ensino aprendizagem.

As questões elaboradas questionavam sobre a idade e o sexo dos estudantes, para que se mantivesse a integridade dos alunos.

2.3 Caminho metodológico e processo de análise

No período de um mês foi realizado a observação na Escola de Ensino Fundamental, com o objetivo de levantamento das informações/dados da pesquisa. Nesse período foi possível observar os alunos durante os dias que antecederam a Saída de Campo e o período após esta saída. Não foi possível ter acesso ao Currículo da Escola, pois segundo o diretor o Currículo ainda não contemplava o instrumento dito “Saída de Campo” porque se tratava de uma prática nova que ainda estava em fase de implantação no ambiente escolar.

Nesse período observamos o comportamento dos alunos tendo se tornado evidente como eles se sentiam eufóricos nos dias que antecediam ao Passeio. Estavam felizes por saber que iriam sair do ambiente escolar e entrar em contato com um novo ambiente.

Vale destacar que ao escolher um determinado grupo para responder as questões demonstra a intencionalidade da amostra, determinando que o observador deseja chegar a um determinado objetivo para a construção do seu objeto.

Segundo Rudio (apud SILVA 2015, p.57):

Através de uma estratégia adequada, são escolhidos casos para amostra que representem, por exemplo, o “bom julgamento” da população sob algum aspecto, não servindo, conseqüentemente, os resultados obtidos nesta amostra, para se fazer uma generalização para a população normal. Podemos, por exemplo, desejar não generalizar para a população, mas obter ideias, numa situação quase exatamente análoga àquela em que alguns especialistas são chamados como conselheiros para um caso médico.

A intencionalidade de analisar a referida escola, foi a de verificar como os professores de uma escola pública de uma região menos favorecida utilizavam suas práticas ao sair do ambiente escolar, para favorecer a aprendizagem dos seus alunos e analisar também, se os alunos percebiam esses momentos extraclasse como momentos de aprendizagem.

Enquanto não chegava o dia da Saída de Campo tivemos conversas informais com o diretor, quando fizemos perguntas relevantes sobre as práticas de ensino e como ele percebia os alunos e suas compreensões sobre a aprendizagem. O referido diretor respondeu que desde a época em que ele chegou a escola para trabalhar, que ela já havia obtido uma melhoria significativa, pois em anos anteriores, os alunos menores estudavam na mesma sala que os maiores. Segundo o diretor isso causava grandes conflitos durante as aulas, devido ao fato dos repetentes não estimularem os alunos que estavam na idade e série adequadas àquele período.

Percebemos também, que a escola passa por conflitos com o tráfico de drogas e um número significativo de usuários que rondam suas portas. Devido a isso foi adotado o uso obrigatório da camiseta escolar e da carteirinha para identificação dos alunos, evitando assim, a entrada de pessoas estranhas. Esses fatos evidenciam que a escola passa por uma fase onde a marginalidade aprisiona quem não pertence ao mundo marginal.

Saviani (2002, p. 6) destaca que: “a causa da marginalidade é identificada com a ignorância. É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido.”

O autor destaca ainda que a escola é o antídoto para a ignorância destacando assim que a educação é a base para que o esclarecimento retire das ruas jovens que se perderam por falta de orientação.

No dia visita ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), não pude acompanhar os alunos, como observadora, devido às regras adotadas na escola. Assim, pedi a uma das alunas, que fazia parte de uma das turmas que foram ao passeio, para registrar os momentos que ela considerasse de relevância para si e seus colegas. Esses momentos foram registrados e expostos na pesquisa, como mostram as Figuras 3.1 a 3.6, constantes no capítulo 3.

Observamos também que muitas mães, interagem com seus filhos participando atentamente de suas atividades. Algumas estavam lá, em frente à escola na hora da saída do ônibus para verificar se eles realmente estariam em segurança.

Dois dias após o passeio foi aplicado o questionário e 66 estudantes responderam a este instrumento, sem nenhuma objeção. A valorização das informações dadas pelos alunos, na análise de suas respostas demonstra respeito por sua participação no processo de aprendizagem.

É importante observar que antes da aplicação do questionário, foi elaborado um planejamento pela própria professora, de forma a não comprometer os estudos dos alunos, pois eles estavam em período de revisão de conteúdo, para a semana de provas e não poderiam ficar dispersos.

Os professores, diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico demoraram a responder aos questionários devido falta de tempo, pois estavam ocupados com a elaboração das provas finais e a organização do conselho de classe. Esse fato levou-me a retornar várias vezes a escola para a aquisição das respostas. Isso também me fez perceber que a escola tem um planejamento e que fatos isolados podem afetar o bom funcionamento dos procedimentos escolares.

O fato de um indivíduo alheio ao ambiente educacional estar em constante presença na escola, pode desviar o planejamento que professores e profissionais da educação têm em seu conograma educacional, pois seu planejamento está baseado nas necessidades dos alunos. De acordo com Libâneo (1994, p. 227):

“Cabe à escola e aos professores elaborar os seus próprios planos, selecionar os conteúdos, métodos e meios de organização do ensino, em face das peculiaridades de cada região, de cada escola e das particularidades e condições de aproveitamento escolar dos alunos.”

Portanto, a intenção da observação na referida escola foi a de verificar como se dava o planejamento dos Passeios Escolares e as práticas que os profissionais utilizavam com seus

alunos para que a aprendizagem ocorresse de maneira significativa. Observando-se também se os métodos de ensino ocorriam com dedicação ao aluno e suas peculiaridades educacionais.

O próximo capítulo apresenta as perguntas formuladas aos estudantes participantes da pesquisa, suas respectivas respostas e a análise dos dados levantados na escola escolhida.

Capítulo 3

Análises dos Dados

Este Capítulo apresenta a análise dos dados levantados na escola pesquisada, as questões formuladas aos participantes da pesquisa e suas respectivas respostas. Foram entrevistados: estudantes, professores, diretor, vice-diretor e a coordenadora pedagógica. Os resultados foram levantados em conformidade com os conceitos dos autores de referência dessa pesquisa.

3. Aplicação dos questionários

A pesquisa objetivou verificar sobre as práticas adotadas pelos professores, nos passeios organizados pela escola, na formação do aluno, com o fim de refletir e propor possíveis ações estratégicas, que auxiliassem as práticas pedagógicas por meio dos Passeios Escolares.

3.1 Questionário Aplicado aos Alunos

Os estudantes que responderam ao questionário participaram de uma “Mostra de Arte” no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em Brasília, em novembro de 2016. As questões formuladas encontram-se no Apêndice B.

Questão 01 – O que representa para você a Saída de Campo: um momento de obtenção de conhecimento ou um momento de diversão?

Trinta e dois alunos responderam que esse momento engloba duas coisas: obtenção de conhecimento e diversão, visto que ao sair da escola se sentem descontraídos e conseguem aprender com mais facilidade. Responderam ainda que, o passeio acrescentou algo novo para seu conhecimento, pois puderam observar e aprender com os objetos apresentados que pessoas de vários outros países também observaram.

Analisando as respostas dos estudantes percebeu-se que eles se sentiam motivados ao sair da escola e fixaram melhor o que aprenderam devido à descontração do momento de lazer. Sobre essa ótica Rodrigues; Alves (2014) apud Carvalho; Vieira (2012) ressaltam que: “[...] o ambiente, como um todo, é um grande aliado no processo de aprendizagem, pois é o

cenário onde tudo acontece, ou seja, onde o homem estabelece suas relações, interações e transformações.”

O objetivo dos Passeios deve ser o de motivar o estudante a se beneficiar dos momentos extraclasse, pois enquanto estão se divertindo também estão aprendendo e fazendo novas descobertas. Para Perinotto (2008) “O turismo pedagógico é uma ferramenta de educação ambiental, que, na prática, demonstra a teoria das salas de aula.”

No caso da escola pesquisada a Saída de Campo proporcionou ao aluno a oportunidade de obter conhecimento, se divertindo e interagindo com seus pares e com o meio. Ao saírem da escola se abrem para novas oportunidades. O educando não fica apenas imobilizado esperando que as coisas aconteçam, ele age e descobre que as possibilidades estão ao seu alcance basta querer conquistá-las.

Treze alunos responderam que a Saída de Campo representou um momento de diversão, reforçando a ideia de que nem todos podem desfrutar desses momentos de lazer e a escola pode, através do passeio, proporcionar a eles, que são de escola pública, um momento de lazer aliado a prática pedagógica.

Os estudantes perceberam suas saídas não apenas como um momento estressante de aprendizado mecanizado, mas como um momento de diversão e lazer, quando puderam se distrair e se sentirem libertos dos muros escolares despertando assim, sua imaginação e seu interesse por novas propostas de ensino-aprendizagem. Libâneo (apud RODRIGUES e ALVES 2014, p.137) ressalta que: “escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas[...]”.

Ao sair do ambiente escolar, o estudante tem a percepção de como pode aprender mesmo nos momentos de descontração, pois ao observarem os fatos em loco aprendem através das trocas de informações, com os professores, com seus companheiros e se tornam sujeitos ávidos por adquirir conhecimento.

Como dito anteriormente, a escola pesquisada escolheu uma “Mostra de Arte” que ocorreu no CCBB, em que alguns alunos do 9º ano participaram do passeio. Como ilustra a Figura 3.1, as estudantes registraram esses momentos de alegria e pelas suas expressões demonstraram felicidade em estar visitando aquele ambiente e obtendo conhecimento de maneira lúdica, aliando a teoria à prática. Ao observar a felicidade das alunas pudemos inferir

que elas estavam felizes ao saírem dos muros da escola para aprenderem de forma lúdica em outro ambiente.



Figura 3.1: Passeio ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil).
Chegada dos alunos ao Centro Cultural
Fonte: Acervo da autora

Matos (2012) reitera que nos aspectos didáticos o turismo pedagógico é fruto de experiências que permitem ao aluno usar sua liberdade fora do ambiente familiar e escolar. Esse momento é de extrema importância para a aprendizagem porque o estudante se torna um sujeito autônomo e constrói e reconstrói seus pensamentos.

Além disso, com suas trocas os educandos perceberam, que cada um descobriu um universo novo, ao sair do ambiente educacional durante os passeios pedagógicos. Que o olhar do outro pôde perceber coisas que o seu próprio olhar não captou. Cada observador analisa o ambiente de uma forma diferente, por isso a importância de viver no coletivo para que aconteça o compartilhamento das ideias.

Halbwachs (2006) afirma que normalmente um grupo mantém relações com outros grupos e as ideias acabam resultando desses contatos, surgindo lembranças comuns aos dois contextos, ou seja comum aos dois grupos. As lembranças evocadas da memória dos estudantes os levam a transmitir o que aprenderam durante seu momento de lazer, pois mesmo enquanto pensam que estão apenas se divertindo em grupo, estão de fato, aprendendo coletivamente.

A educação é um exercício diário de aprendizado, que tem o professor como mestre e os educandos, como aprendizes. No entanto, em alguns momentos o professor também se torna um aprendiz por que é por meio das trocas que os seres humanos evoluem e descobrem novos questionamentos para que se desenvolvam novas pesquisas.

O mundo gira em torno de perguntas, os indivíduos não podem ficar apenas perseguindo respostas prontas, devem se sentir motivados a questionar, criticar e refletir para que evoluam no conhecimento.

A Figura 3.2 (segundo a fala das alunas), representa o transbordar dos sons, como ele pode espalhar-se pelo ambiente, como a música pode envolver as pessoas e transformar sua forma de pensar.



Figura 3.2: Instrumentos musicais demonstrando que a música se espalha e envolve as pessoas
Fonte: Acervo da autora

Vinte e um estudantes relataram que as Saídas de Campo são percebidas como um momento de obtenção de conhecimento, devido a entrarem em contato com novas informações e novos lugares. Rodrigues (2014) discorre que o Turismo Pedagógico permite a facilidade de entrelaçar a teoria e a prática promovendo as relações, a vivência e as experimentações dos estudantes.

Os conteúdos abordados durante essas Saídas de Campo, podem promover a aprendizagem do estudante os estimulando a pensar e a refletir sobre os assuntos abordados para que o conhecimento seja assimilado.

O processo educativo não deve ser percebido como algo unilateral e inativo, pois o ser humano não é um robô, o meio influencia o ser que deve discernir o que é certo e o que é errado no decorrer do processo educativo. Vigotski (2001, p. 78) relata que:

O processo educativo não deve ser concebido como algo unilateralmente ativo, nem devemos atribuir tudo a atividade do ambiente, anulando a do próprio aluno, a do professor e tudo o que entra em contato com a educação. Pelo contrário, na educação não há nada passivo ou inativo. Até as coisas inanimadas, quando incorporadas ao âmbito da educação, quando adquirem um papel educativo, se tornam dinâmicas e se transformam em participantes desse processo.

Na educação não existe passividade, todos os indivíduos que estão envolvidos no processo educativo agem de forma ativa para que as construções dos saberes se desenvolvam e que todos possam transformar-se por meio das práticas e das teorias.

Questão 02 – Na sua opinião, sua escolar deveria promover mais Saídas de Campo durante o ano letivo? Por que?

Nesta questão, todos os estudantes foram unânimes em responder que “sim”, a escola deveria proporcionar mais Saídas de Campo durante o ano letivo. Quanto ao “Por que”, quase todos os entrevistados, afirmaram que essas saídas proporcionam um momento de captação de conhecimentos de lugares diferentes e de obtenção de novos conhecimentos reforçando assim, a ideia de que os estudantes se sentem mais à vontade para aprenderem enquanto estão fora da pressão que os muros da escola os impõem.

Os estudantes afirmaram ainda que, sair do contexto escolar é uma forma dinâmica e divertida de adquirir conhecimento. Uma das estudantes expressou o que sentiu, na seguinte resposta:

Sim as vezes a saída para aprender alguma matéria é mais lembrada do que um texto, ou escrevendo em caderno que acabam não servindo para nada. (grifo do autor)

Na opinião dos educandos essas aulas que acontecem fora do contexto escolar, facilitam o aprendizado, pois todos se sentem mais descontraídos e vivenciam um momento de coletividade e humanização com seus colegas. Adquirem o conhecimento na prática, por meio das observações dos espaços e dos objetos.

Percebeu-se ainda que, durante as Saídas de Campo os estudantes se sentiram mais próximos de outra realidade social. Conseguiram se ver como indivíduos que também fazem parte do universo social, pois com a divisão de classes que existe desde os primórdios da

humanidade, a tendência é que os menos abastados, se sintam excluídos dos espaços que poderiam lhes proporcionar novas oportunidades.

Segundo Saviani (2002, p. 24): “O Aparelho Ideológico do Estado escolar, em lugar de instrumento de equalização, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar seus interesses.”

Vale destacar que no mundo de hoje, ainda vigora essa visão de Estado burguês. A elite continua a estudar nas melhores escolas e universidades. A classe média que pode pagar, pode usufruir de uma educação privilegiada e aos pobres, resta apenas ficar em escolas públicas sucateadas, que parecem verdadeiros asilos feitos para delinquentes juvenis, ou ir para escolas técnicas que em geral, lhes preparam para ser mão-de-obra da elite. No caso brasileiro, a realidade mostra que as famílias “inculcam” na cabeça do educando, que ele deve se qualificar para o mercado de trabalho levando-os a pensar, que níveis mais elevados de estudo é coisa de rico.

O estudante ao sair do seu meio cotidiano, está em busca de novas descobertas, com o anseio de aprender em novos ambientes que são diferenciados de seu ambiente rotineiro. Estão interessados em novas expressões culturais, novas paisagens e formas que podem ser encontradas no teatro, no cinema, no museu, na arquitetura e nos mais variados meios, pois quem sai do seu cotidiano quer aprender e interpretar o diferente para se sentir parte de um novo universo.

A escola não pode deter-se apenas a repassar os conteúdos, deixando o aluno como um ser que apenas copia o que lhe é repassado. A escola necessita de mudanças para que o aluno seja percebido como um sujeito que faz parte do processo dessas mudanças e algumas alternativas podem portanto serem tomadas pelos profissionais da escola para que essas para que Nesse sentido, destacamos o que (Demo apud Bonfim 2010, p. 117) afirma:

- a) A escola, sobretudo a pública restringe-se ao mero repasse copiado, deixando o aluno na posição de objeto de ensino, cujo resultado é simples aprendizagem;
- b) Nesta aprendizagem, tudo tende a ser mal feito, acrescentando-se vazios cumulativos nos espaços ditos modernos;
- c) O aluno, a par de saber pouco, o que sabe é inadequado para instrumentá-lo como sujeito de processo de mudança;
- d) Não temos ainda sedimentada a necessidade vital de atualização constante, nem nos professores, o que repercute no envelhecimento inevitável, em termos de domínio do saber estratégico.

O professor deve aperfeiçoar-se constantemente buscando aprender a aprender com o objetivo de usar a aplicabilidade desses aprenderes no processo de construção do conhecimento dos alunos.

A Figura 3.3, ilustra como os instrumentos que representam a musicalidade podem auxiliar para liberar o imaginário dos alunos e auxiliá-los a desenvolver os saberes diversos, despertando sua capacidade de imaginação e investigação. Porque a música pode despertar no aluno sua capacidade de interpretar o mundo e apreciá-lo por meio da sonoridade e da beleza das notas.



Figura 3.3: Tambores e Violinos dissolvendo a música no ambiente
Fonte: Acervo da autora

Questão 03 - Os lugares visitados durante as Saídas de Campo realizadas pela escola despertam a sua curiosidade em aprender?

A maioria dos estudantes entrevistados respondeu **sim**, à questão formulada. Disseram que as Saídas de Campo despertaram neles, mais curiosidade e que se sentiram motivados em obter conhecimentos fora da sala de aula. Pela resposta, pode-se depreender que ao deixar o ambiente escolar para aprender de uma forma lúdica, o educando se sente mais à vontade para expressar suas dúvidas, falar sobre suas necessidades e suas expectativas de ensino.

No caso do Distrito Federal, nos deparamos constantemente, com estudantes que não conhecem os monumentos arquitetônicos da capital. Permanecem isolados em seu mundo na periferia e perdem a oportunidade de conhecer a incrível arquitetura de Brasília. Na maioria das vezes, isso não se deve apenas, a falta de vontade, ocorre em geral, pela falta de condições das famílias da periferia. Muitos pais não deixam seus filhos irem aos passeios da escola, por falta de condições de pagar o valor cobrado, que embora simbólico, para cobrir apenas as despesas com o ônibus, lhes custa caro para o bolso.

Serão aqui expostas algumas respostas para melhor compreensão do que pensam e sentem os sujeitos da pesquisa.

Aluno 1: Sim, pois a maioria das vezes nunca nem tinha ouvido falar nas coisas ao meu redor

Aluno 2: Sim. Porque a ida ao Bay Park nós conhecemos outro Tobo Água.

Aluno 3: Sim porque reforça o conteúdo e ajuda a gente ter mais conhecimento.

Somente “um” estudante disse “não” ele expos o seguinte argumento: “Não, pois na saída de campo estamos mais preocupados em nos divertir e não em filtrar conhecimentos, a não ser que esteja valendo ponto”.

Pode-se observar através das respostas, que os estudantes são motivados pela saída da sala de aula, o que nos leva a afirmar que não se pode aprender algo estagnado em um só local, a investigação é uma forma de aprender. Silva (2011, p. 26) ressalta que:

Todo ser humano, como natureza social que se faz no coexistir, concebe atividades interativas e relacionais, entre elas: o turismo e dele faz uma cultura (cultivo), por sua vez, uma sedimentação de saberes e valores. Ninguém nasce turista, mas potencialmente está vocacionado a se deslocar de seu habitat e se maravilhar com outros.

A Figura 3.4, revela como os(as) alunos(as) se sentem entusiasmadas ao sair para conhecer novos lugares e novas paisagens. Pois quando o ambiente é agradável a motivação é inevitavelmente a florada.



Figura 3.4: Passeio ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) Marquise em frente ao Centro Cultural

Fonte: Acervo da autora

Ao observar a descontração das alunas na Figura 3.4, podemos inferir que estão felizes e motivadas. Que a visitação ao CCBB, um lugar antes desconhecido, aflorou em suas mentes uma nova visão do que é o aprender e de como esse aprender pode ser potencializado com a vivência de coisas novas.

Questão 04 - Em sua opinião, como a Saída de Campo pode contribuir para seu aprendizado?

Os sujeitos⁵ participantes da pesquisa concordaram que a Saída de campo contribui para o aprendizado, pois vão a lugares novos, que os fazem aprofundar os conhecimentos e conteúdos vistos em sala de aula. Segundo eles, esse conhecimento, os auxiliam a assimilar as disciplinas de uma forma lúdica, pois ao mesmo tempo, que se distraem também aprendem.

Aprender ludicamente faz com que a pessoa se torne um sujeito mais participativo, pois o lúdico quebra a timidez que muitas vezes atrapalha um aluno brilhante de se sobressair durante seu processo educacional.

São muitos os educandos que se sentem reprimidos em seu canto tentando se libertar de sua timidez e poder dar asas a suas inquietações colocando seus pensamentos para voar e ecoar rumo a outros horizontes. Porém se sentem amarrados em um modelo escolar que ainda é repressor onde nem todos os educadores estão aptos a perceber as aflições que atormentam seus educandos. Os julgam com rigidez os reduzindo a réus de um sistema que caminha a passos lentos por caminhos tortuosos que focam tudo menos as verdadeiras necessidades dos educandos e dos educadores.

Algumas respostas foram aqui expostas, para uma melhor compreensão do que pensam os estudantes, visto que todos concordam que a Saída de Campo contribui para o aprendizado.

Estudante 01: “Sim, porque nos leva a lugares que nos ensina algo como a UnB, TCU, Teatros, Faculdades, CCBB, etc..”

Estudante 02: “Sim. Você tem um melhor entendimento do que está sendo estudado.”

⁵ A palavra "sujeito", em Foucault (1995b), possui, então, dois significados: "Sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a" (Foucault, 1995b, p. 235). Com isso, Foucault procurou mostrar que "as formas modernas de poder atam a subjetividade do indivíduo à sujeição desse indivíduo (ser controlado por outro)" (Cruikshank, 1999, p. 21).

Estudante 03: “Sim. Pode contribuir para você ter uma visão e um pensamento diferente sobre o assunto e eu gosto de experimentar coisas novas.”

Estudante 04: “Sim. Desperta a curiosidade em aprender coisas novas.”

Estudante 05: “Sim. Pode contribuir com coisas que não vejo em sala de aula.”

Estudante 06: “Sim. Porque vemos coisas reais e interagimos melhor.”

Estudante 07: “Sim. Porque nessas visitas a outros lugares aprendemos sobre outras culturas e sobre a história.”

Muitos jovens brasileiros não têm oportunidade nem condições de viajar ou sair para um momento de lazer. Em geral, as desigualdades sociais são as causas explícitas por traz dos problemas sociais que os alunos da periferia se deparam todos os dias. As condições financeiras os levam para um mundo, onde o prazer de sair e se divertir, pode ser substituído pelo prazer momentâneo das drogas ilícitas.

No livro “Sociologia em movimento” (2013, p. 247) os autores relatam:

Hoje, apesar do contexto de consolidação da democracia, é possível constatar que a desigualdade socioeconômica brasileira está associada a desigualdade de oportunidades e condições. Ou seja, existem diferenças nas circunstâncias que afetam o sucesso das pessoas e que não dependem de seus esforços ou decisões pessoais. Essas circunstâncias incluem o grau de escolaridade e a ocupação dos pais, a qualidade da escola que o indivíduo frequenta, seus ambientes de socialização, além de outros elementos, como a cor de pele, gênero e tempo de escolaridade.

A busca pelo conhecimento tornou-se um diferencial no universo educacional, estar sempre atualizado e buscando novos conceitos e métodos é pré-requisito para quem quer se sobressair e alcançar um outro patamar na sociedade. Gadotti (apud RODRIGUES 2011, p. 141): “sugere que os professores precisam estar se atualizando para que possam permanecer em diálogo com seus educandos.” O precisa estar sempre em contato com o novo para auxiliar seus alunos na busca por novas experiências, em um outro ambiente fora da sala de aula e que essas experiências lhes proporcionem uma visão ampliada de novas formas de aprender.

Portanto, inferimos que a interação dos alunos com novos ambientes como: museus, exposições, teatros, cinema, etc.. podem lhes proporcionar um novo olhar para os conteúdos e os métodos de ensino.

Questão 05 - Como você se sente ao sair da escola para visitar um ambiente que está fora dos muros escolar?

Os sujeitos questionados responderam que se sentem muito bem e até aliviados ao saírem de dentro da escola. Alguns usaram a palavra “livres” e outros a palavra “feliz”. Ao se expressarem dessa forma é como se sentissem sufocados, dizendo nas entrelinhas, que a escola de certa forma é um lugar que os aprisionam e os tornam sujeitos infelizes.

Aprender é uma ciência que se constrói usando seus instintos de coragem e vontade. Se o educando se sente infeliz dentro do ambiente educacional, não poderá ter um aprendizado eficaz. O ser humano evolui a cada dia, com as construções agregadas durante sua trajetória. Se o aluno agrega esse conhecimento com alegria, o carregará pela vida afora, porém se ele se sente forçado a aprender de uma forma imposta, que o torna infeliz, o conhecimento se perderá antes mesmo dele cruzar os muros da escola.

Impor o que se sabe não é, e nunca será uma maneira correta do educador orientar seus educandos. Quando o conhecimento é aplicado de forma impositiva, o sujeito que está aprendendo logo se cansa do que está ouvindo. Falar impositivamente como já ressaltou Freire (2008) é falar sozinho sem saber ouvir o que o outro também tem a expor.

Analisemos algumas respostas dos sujeitos da pesquisa

Estudante 1: “É muito bom, pois respiramos um ar melhor, sentimos mais livres e bem consigo mesmo. E podemos aprender mais.

Estudante 2: “Muito bem pois muda o cotidiano.”

Estudante 3: “Aliviado. É muito sufocante ficar na escola o ano todo.”

Estudante 4: “Me sinto feliz por ter essa oportunidade de estar aprendendo dentro e fora da escola.”

Estudante 5: “Me sinto agradecida por ter a oportunidade de aprimorar meu conhecimento de forma diferente.”

Estudante 6: “Sinto um pouco de liberdade. Sair traz calma e nos permite conhecer ambientes novos com pessoas que gostamos.”

Estudante 7: “Me sinto com mais curiosidade para aprender aquela matéria e aquele assunto.”

Estudante 8: “Me sinto bem. É uma forma de aprendizado e assim podemos mostrar que podemos aprender fora da escola também.”

Os estudantes pesquisados ressaltaram que se sentem livres para aprender quando têm a oportunidade de sair para um ambiente novo. Pelas respostas, ficam evidentes que o

aprender de maneira diferenciada desperta a curiosidade e aprimora o conhecimento. Quando o aluno sai da sua rotina, ele tem a oportunidade de se socializar com pessoas diferentes do seu meio, estimulando assim, sua criticidade e reflexão.

O sujeito é fruto da cultura do meio em que vive e em que se socializa. A questão que se faz após esses depoimentos é: como a escola pretende formar cidadãos críticos, reflexivos e éticos, se alguns estudantes ainda se sentem infelizes e agem como se estivessem presos dentro da escola? A educação necessita comprometer-se com a formação do ser humano, para que ele compreenda o significado das relações humanas e das representações do mundo.

Infelizmente vivemos em uma época de terror e medo. A criminalidade, as drogas e as disputas das “gangues” fazem com que todas as casas e escolas sejam cercadas por muros e grades. O ideal seria que a escola não tivesse portas e que os educandos permanecessem ali pelo prazer de aprender, sem se sentirem obrigados e aprisionados pelos muros e pelas imposições de disciplinas que não lhes aguçam a curiosidade.

Tudo isso, nos faz refletir sobre: como os jovens em tão tenra idade podem se sentir infelizes, como se não tivessem nem perspectivas nem escolhas. Com tanta diversidade de informação que o Mundo digital oferece os adolescentes parecem se recolher em uma casca, cada vez mais difícil de ser penetrada.

O sujeito precisa construir sua subjetividade⁶ para que consiga lidar com o outro e respeitar as diversidades que existem ao seu redor. Sabendo que cada um tem a sua forma de ser, de expressar-se para contribuir com o desenvolvimento da sociedade.

Vivemos em um país de segregação sócio espacial, as camadas mais pobres da população, passam a habitar lugares isolados na periferia, ficam afastados dos grandes centros e distantes das oportunidades. Com essa segregação os menos favorecidos gastam mais tempo e dinheiro para ter acesso ao trabalho, pois as oportunidades de emprego e de uma melhor educação estão localizadas nos grandes centros urbanos.

Os autores de sociologia em movimento (2013, p. 326) ressaltam:

As diferenças que marcam nossas cidades são gritantes quando observamos os diferentes bairros, as formas de moradia e sua população, o grau de conservação dos equipamentos públicos e de acesso aos meios de transporte. [...] a distância social na cidade contribui para a reprodução das desigualdades, na medida em que as

⁶ Subjetividade é entendida como o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. A psicologia social utiliza freqüentemente esse conceito de subjetividade e seus derivados como formação da subjetividade ou subjetivação.

oportunidades ficam mais distantes daqueles que mais necessitam delas. No aspecto econômico, a segregação espacial estimula fortemente a propagação das injustiças sociais: [...] Quanto mais segregada é uma sociedade, menos contato há entre as pessoas, o que enfraquece as redes sociais e priva cada grupo do contato com as diferenças. As crianças e os jovens que nunca saem dos espaços nos quais foram criados, sejam os bairros populares suburbanos ou os condomínios fechados das elites, tendem a ver como naturais as distinções de classe socialmente constituídas, o que pode impedir o surgimento de uma geração de cidadãos críticos das desigualdades e dispostos a esforçar-se para combatê-las.

A distância social quando se compara os estudantes moradores da periferia e os estudantes dos grandes centros urbanos é gritante. Mesmo as escolas públicas que estão localizadas mais ao Centro da cidade são mais limpas, mais cuidadas e comprometidas com o educando. Diferentemente das escolas da periferia que estão sucateadas, sujas e funcionam com educadores desmotivados sem perspectiva de um futuro melhor para os educandos.

Quanto mais nos aproximamos dos bairros periféricos, mais degradadas são as escolas, os alunos são mais desmotivados e os próprios professores também se desmotivam e deixam que as coisas fluam à deriva.

Assim, é necessário retirar os estudantes de seu *habitat* e os levar para apreciar outros locais com outras paisagens, outras alternativas, que os inspirem a buscar uma nova forma de vislumbrar o belo que existe no mundo. Levá-los para conhecer exposições, teatros, museus, espaços turísticos que os façam vislumbrar uma nova forma de perceber a vida e a educação, observando o mundo com um olhar diferenciado, se percebendo como sujeitos que estão inseridos na sociedade com possibilidade de modificar o ambiente em que vivem.

Ao criar uma nova forma de se posicionar em relação a educação e a si mesmo, o educando descobre um sujeito adormecido dentro de si, que ao pensar sobre suas inquietações pode se posicionar estrategicamente no universo social.



Figura 3.5: Passeio ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil)
Entrada da Exposição

A Figura 3.5 revela o quanto os alunos se tornam descontraídos e colocam sua imaginação para ganhar asas quando saem do ambiente escolar. Seu imaginário ganha uma nova energia e sua criatividade o faz criar e recriar sua forma de ver e pensar sobre o mundo.

Bonfim (apud RODRIGUES 2014, p. 142) ressalta:

E importante evidenciar que para o turismo pedagógico alcançar os objetivos do projeto pedagógico da escola, torna-se necessário apresentar aos alunos um sentido significativo as aulas extraclasse, entendendo-as como uma perspectiva ampla de compreensão da realidade, através de referências reais e palpáveis.

Concordando com a assertiva anterior, podemos afirmar que a educação necessita ser repensada e os educadores incentivados a buscar uma nova forma de lidar com as crianças e jovens do país. Vislumbrar uma educação onde o Turismo Pedagógico se torne uma ferramenta que faça parte do currículo escolar da escola, que contemple todas as disciplinas, perpassando pelos mais diversos conteúdos.

A primazia e o prazer de estudar estão exatamente na forma como os conteúdos são repassados, por isso faz-se necessário (re) pensar a forma como o currículo e o Projeto Político Pedagógico da escola estão sendo organizados. A educação brasileira tem suas qualidades e os educadores já promoveram muitas mudanças através de suas lutas contra algumas imposições do sistema. No entanto, ainda há um grande percurso a ser percorrido para que o país se torne referência na arte de ensinar e o Turismo Pedagógico pode ser essa

significativa ferramenta para auxiliar os educadores nesse processo. Conforme Rodrigues (2011, p. 141):

O Turismo, assim, pode ser encarado como uma metodologia contemporânea que pretende fornecer novos ares à motivação de educadores e educandos, no que concerne a prática educativa.

Quanto mais nos aproximamos dos bairros periféricos, mais degradadas são as escolas, os alunos são mais desmotivados e os próprios professores também se desmotivam e deixam que as coisas fluam à deriva. Porém, o Turismo enquanto prática pedagógica pode oferecer novos ares para que professores e alunos se sintam motivados no processo de ensino aprendizagem.

A Figura 3.6 expõe a chegada das alunas ao Centro Cultural Banco do Brasil, a imagem denota a empolgação das estudantes por estarem em um ambiente novo, com expectativas de novos aprendizados.



Figura 3.6: Passeio ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil)
Fonte: Acervo da autora

Como dito anteriormente o planejamento é a base para que ocorra o aprendizado. Os Passeios Escolares não devem acontecer como simples saídas de sala de aula. Devem ser planejados e percebidos como momentos de aprendizado significativo onde o educando se sinta à vontade para aprender e também ensinar como bem relata Freire (1996, p. 72):

Há uma relação entre a alegria necessária a atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança.

3.2 Questionário Aplicado aos Docentes

Considerando ser de extrema importância que os objetivos e as práticas estejam em consonância com o que se espera do processo educativo, os docentes também foram

entrevistados sobre suas práticas e seus objetivos para as Saídas de Campo. O questionário aplicado encontra-se no Apêndice A.

Observaremos aqui, a análise das respostas de duas docentes.

Questão 1 - Quais são as práticas pedagógicas utilizadas pela escola para despertar o interesse e a imaginação dos alunos durante as Saídas de Campo?

Professora 1 (P1) - Os conteúdos trabalhados e as atividades de campo visam complementar e enriquecer o conteúdo ministrado.

Professora 2 (P2) - Conversa informal, atividades lúdicas e envolvimento com a comunidade.

Para as docentes os conteúdos trabalhados dentro da sala de aula são bem aproveitados, pois ao sair do ambiente escolar o estudante vai além da teoria e pode por intermédio da prática observar que o processo de aprender é abrangente. O educando percebe que seu aprendizado pode ser usado na vida real, desmistificando o modelo que ele já internalizou de que alguns conteúdos do currículo escolar não são usados no mundo mercadológico.

Freinet (2004) ressalta que o professor tem que avançar com o método até que tenha alcançado o mais longe possível os velhos caminhos, parando quando necessário para avaliar o que for necessário, ele encontrará dificuldades mas conseguirá chegar aos seus objetivos.

Questão 2. Quais são as disciplinas trabalhadas pelos professores com a prática da Saída de Campo?

As duas docentes concordam que, apesar da Saída de Campo ser multidisciplinar, as disciplinas de História, Língua Portuguesa, Ciências são mais contempladas devido a percepção dos alunos da teoria x prática.

Conforme as respostas percebemos que as saídas do ambiente escolar, visam enriquecer os conteúdos trabalhados em sala de aula, incentivando os educandos a vivenciar na prática o que se aprende na teoria. Conforme Scremin (2012, p. 28):

O turismo educacional consiste em envolver o homem com o espaço seja ele, (físico, geográfico, ecológico, etc.). Proporcionando uma nova visão sobre os conteúdos abordados em sala. Pela óptica da inovação na área da educação, aos poucos o turismo educacional, também chamado de turismo pedagógico, vem ganhando espaço no âmbito escolar, incentivando novas oportunidades de conhecimento.

O Passeio escolar permite que o educando se envolva com o espaço físico, geográfico e ecológico, pois ao explorar um novo ambiente, o aluno se envolve com novas descobertas e outras oportunidades de desenvolver o conhecimento.

Questão 3 - Como a escola faz a mediação da Saída de Campo escolar com a prática pedagógica?

Novamente as docentes têm a mesma percepção e concordam que há uma interdisciplinaridade e ligação com os conteúdos.

Conforme Scremin (2012, p. 28), “o turismo pedagógico surgiu como uma metodologia que veio para inovar e fazer um link entre a teoria e a prática, oferecendo oportunidade para que o indivíduo possa explorar o espaço de forma integrada e multidisciplinar”. O professor como mediador do conhecimento, tem a possibilidade de fazer com que os conteúdos elencados durante as Saídas de Campo, perpassem por todas as disciplinas tornando os passeios um momento de agradável diversão e conhecimento.

Conforme Rodrigues e Alves (2014, p. 133):

[...] o turismo, com caráter educativo, ressurgiu de forma que a realidade educacional seja repensada e reformulada, buscando por meio de novas práticas, um novo significado para as escolas bem como para as relações estabelecidas nesse ambiente. Desse modo, é uma prática que amplia as possibilidades de ação no contato escolar, uma vez que visa a interação entre os sujeitos e o faz por métodos diferenciados que fogem à rotina.

Portanto, com as interações proporcionadas pelo turismo educativo o estudante pode se modificar a cada dia. Conforme o conhecimento que o educando apreende ele se transforma e conquista uma outra forma intelectual. Aprendendo outros conceitos e novas conjunturas. Há então uma ruptura e um despertar da consciência, e um ser novo desabrocha para o mundo.

Questão 4 - Qual ou quais os objetivos que os professores almejam com a Saída de Campo?

P1 - Enriquecer as aulas; tornar prática a teoria e abrir novos horizontes para interpretações

P2 - Despertar para o conhecimento assistemático dentro dos conteúdos do currículo.

Influenciar a reflexão e abrir novos horizontes para interpretações é uma vitória alcançada pelos professores da referida escola, pois não é tarefa fácil incentivar que os alunos se motivem a interpretar e a fazer uma releitura do que se pode aprender, quando a teoria obtida dentro do contexto escolar pode ser colocada na prática durante as Saídas de Campo.

Scremin (2012) ressalta que o turismo proporciona aos discentes novas descobertas e novas oportunidades de aprendizagens, tornando a construção do conhecimento mais abrangente e rica e o espaço se torna um diferencial no processo ensino aprendizagem.

O professor se sente apto e entusiasmado para aplicar o processo de ensino quando descobre que seus alunos estão motivados na busca do aprender, com novas ideias proporcionadas pelas descobertas e construções que se deparam ao sair do ambiente escolar.

Questão 5 - A escola utiliza a Saída de Campo como um momento de lazer turístico e de aprendizagem pedagógica?

As respostas dos dois docentes foram positivas.

Ao utilizar a Saída de Campo como um momento de, lazer e aprendizagem o professor demonstra que é um sujeito que não está passivo no processo de ensino, pois ele através de novas práticas incentiva a criatividade, a criticidade e a reflexão de seus educandos, os fazendo perceber que suas interações com seus pares e com o mundo os fazem progredir.

Segundo o Currículo em movimento, é função primordial reconhecer a diversidade dos estudantes da rede pública e garantir a qualidade dos processos educativos para o desenvolvimento de um ensino de qualidade.

Para Freinet (2004, p.50) “O talento do mestre-pastor é, de fato, estar atento aos pormenores sem descuidar do conjunto...”

Questão 6 - Os procedimentos/ferramentas utilizados para Saída de Campo trabalham a capacidade cognitiva do educando?

As respostas dos docentes foram positivas, indicando que as ferramentas utilizadas trabalham o cognitivo dos educandos.

Bock (2002) afirma que “cognição é o processo através do qual o mundo de significados tem origem”. Para o autor à medida que a pessoa vai estabelecendo relações com o mundo vai atribuindo significados para sua realidade.

Assim, quando se trabalha o cognitivo no educando, subtende-se que se está trabalhando suas potencialidades para o processo de aprendizagem. O educando se desenvolve e aprende a pensar e passa a compreender como acontecem as relações que ele estabelece consigo e com o outro.

Questão 7 - Quais são essas ferramentas?

P1 - Em exposição existem os encartes e materiais, vídeos, e textos complementares.

P2 - Atividades lúdicas, seminário, pesquisa e mapa conceitual.

Após as Saídas de Campo a escola utiliza ferramentas que auxiliam na prática pedagógica. Essas ferramentas ajudam o educando a se motivar, como os mapas conceituais por exemplo, que visam lembrar ao estudante os pontos visitados durante o passeio e quais foram as aprendizagens e conteúdos trabalhados. Desenvolvendo a habilidade da memorização de uma forma leve e lúdica.

Essas ferramentas reforçam o que Le Goff (2009) destaca: o tempo se divide em duas realidades a do antes e o depois e que essa realidade está relacionada ao nível individual ou coletivo, o que nos faz perceber que cada um tem suas próprias lembranças independentes, que serão projetadas no futuro de forma diferenciada a partir da percepção do observador.

3.3 Questionário aplicado ao diretor, ao vice-diretor e ao coordenador pedagógico

O terceiro questionário foi aplicado a coordenadora pedagógica, ao diretor e ao vice-diretor da escola. Os três resolveram responder somente a um questionário. Reuniram-se em uma sala onde debateram sobre as questões, respondendo apenas quando chegavam a um consenso. Os questionários encontram-se no Apêndice C.

Questão 1 - Como o coordenador e o diretor escolar podem auxiliar professores e educandos para que as Saídas de Campo se tornem um complemento da prática pedagógica?

R - “Através da conscientização da prática pedagógica e do planejamento”.

Segundo Scremin (2012) o planejamento é necessário para que ocorra a organização. Ele surgiu nas empresas para dar um novo significado e na escola é fundamental que esse planejamento aconteça, pois ele contribui com a parte pedagógica, administrativa e política da escola. O planejamento contribui para que os métodos de ensino sejam reavaliados, e as práticas pedagógicas reorganizadas para que o foco principal seja a aprendizagem do aluno.

Planejar as ações que irão acontecer no âmbito escolar é um diferencial que se faz necessário, mas para que esse planejamento aconteça, mudanças são necessárias principalmente na gestão educativa. Para que isso aconteça são necessárias mudanças tais

como: não avaliar o aluno de maneira classificatória, respeitar o tempo que cada um tem para chegar ao aprendizado e escutar o aluno para saber quais os conflitos que os separam do aprender.

Glatter (apud Santos 2002) ressalta que: “[...] O objetivo primeiro da atividade de gestão das escolas é criar as condições para que os professores promovam a aprendizagem dos alunos”.

Questão 2 - O diretor da escola permite que o educando se envolva no processo de escolha dos locais a serem visitados?

R. Existe a escuta, mas os estudantes não decidem os roteiros.

Apesar dos estudantes serem escutados eles não decidem os roteiros dos passeios, pois segundo uma fala informal do diretor, se os estudantes tomassem todas as decisões dos lugares a serem visitados eles sempre escolheriam locais que muitas vezes não poderiam trabalhar de forma significativa os conteúdos ministrados em sala.

Segundo Paulo Freire (1996) a escuta é primordial para que o diálogo aconteça verdadeiramente, é escutando que o educador aprende a falar com seu educando. Essa escuta tem que acontecer sem imposições, pois a fala deve ser democrática para que todos sejam beneficiados com o discurso. O exercício da investigação da avaliação e da escuta desenvolve tanto no estudante quanto no professor, a capacidade de discernir o que pode e o que deve ser mudado dentro do ambiente educacional.

Questão 3 - A equipe pedagógica participa das decisões de como serão os roteiros de visitação, e quais práticas pedagógicas serão utilizadas durante e após as Saídas de Campo?

R. Sim.

O envolvimento de todo o corpo escolar no processo de Saída de Campo demonstra que, todos os sujeitos trabalham em conjunto para que essas saídas não aconteçam simplesmente como um passeio que explore apenas a ludicidade.

Denota-se que essas saídas contemplam os conteúdos abordados na escola aliando teoria e prática. Todos se mobilizam para que os alunos se envolvam no processo do aprender, tornando-se assim, sujeitos colaborativos que se sentem inseridos no ambiente educacional.

Para Cardoso e Gattiboni (2012) todos fazemos parte de uma nova sociedade do conhecimento, que exige dos cidadãos a capacidade de agir, criar e transformar, por isso os

profissionais da educação devem perceber que as metodologias antigas já se tornaram arcaicas e não são suficientes para uma aprendizagem significativa.

A análise do que ocorre antes das Saídas de Campo, demonstra que há um planejamento e que os conteúdos são discutidos, para que o passeio não seja feito de maneira aleatória e improvisada demonstrando o comprometimento dos profissionais com a qualidade da educação de seus educandos. Porém a falta de dados sobre as práticas utilizadas após as saídas de campo não nos permite analisar se essas práticas são eficazes.

Questão 4 - As práticas desenvolvidas na escola, contribuem para que o educando perceba a Saída de Campo como um momento de Turismo e aprendizagem pedagógica?

R. Sim. Como um momento de aprendizagem.

Ao perceber a Saída de Campo como um momento de aprendizagem, o educando entende que sair do ambiente educacional não é apenas um momento de brincadeira e diversão, mas, é também um momento de aprender, de entender os conteúdos de uma forma diferenciada, fazendo com que os horizontes sejam expandidos e novas práticas pedagógicas sejam postas em funcionamento.

Cardoso e Gattiboni (2015, p. 87) afirmam “que o turismo pedagógico tem como estratégia aprimorar o conhecimento, colocando em prática o que se aprendeu na teoria, visando tornar as aprendizagens significativas.”

Questão 5 - As Saídas de Campo realizadas em outras Regiões Administrativas despertam a curiosidade, a criticidade e a reflexão dos educandos e educadores?

R. Sim. Afloram a curiosidade, a criticidade e a reflexão.

A curiosidade faz parte da vivência dos seres humanos, pois a atividade da busca os levam a querer aprender e a refletir sobre o que aprenderam. Vivenciar o novo por intermédio de viagens ou passeios aguça no aprendiz, sua capacidade de cognição, sua criticidade e reflexão os levando a novas e emocionantes descobertas de como desenvolver o aprender em si e no outro.

Bonfim (apud RODRIGUES 2014, p. 134) afirma:

É a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que justifica a utilização do turismo, enquanto atividade de lazer que serve ao ensino, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse,

contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica.

Ao promover o desenvolvimento crítico e educativo, a escola dá suporte para que o educando se perceba como um sujeito que promove as mudanças necessárias em seu processo educacional, observando nos momentos extraclasse, as possibilidades que pode encontrar para a construção de suas aprendizagens, percebendo-se como sujeitos pertencentes do sistema educacional.

3.4 Síntese da Análise

Nos questionários respondidos pelos estudantes, é fácil perceber que ainda tem muito a ser feito para que os educandos percebam o momento de lazer Turístico como um momento de aprendizagem significativa. Alguns estudantes ainda percebem essas saídas como momentos de pura descontração e não a associam com a aprendizagem. Porém a maioria dos alunos já avaliam as saídas da escola como um grande potencial para se divertir e aprender concomitantemente.

Ao analisar os dados compreendemos que a educação deve ser repensada para que as crianças e jovens da atualidade se sintam motivados e serem felizes na escola. Com o avanço da tecnologia em todas as áreas do conhecimento, se os educadores não acompanharem essa evolução os estudantes tenderão cada vez mais, a se evadirem do espaço educacional migrando para o espaço virtual.

Paviani (2009, p. 133) ressalta:

Existem diversos tipos de análise. Análise lógica de proposições, de discursos e de conceitos. A análise é um termo que deve ser entendido em conjunto com outros como síntese. A análise pode consistir em esclarecer os elementos constitutivos de um conceito, de uma proposição, ou objeto. A análise pode ser descritiva, explicativa e/ ou interpretativa. A análise de dados consiste numa abordagem qualitativa ou quantitativa do material de dados simples ou complexo.

Diante do exposto nas respostas, faz-se necessário que as escolas promovam ações para motivar os alunos no processo de ensino-aprendizagem, ações como: promover mais Saídas a pontos turísticos, com práticas pedagógicas que desenvolva no aluno a sede do conhecimento, aliado ao prazer de conhecer novos ambientes. Carrara (2004, p. 144) afirma que: “Se ensinarmos para criança aquilo que ela já sabe, não haverá nem aprendizagem nem ensino”.

Para Carrara apud Vygotsky (2004, p.142) “o desenvolvimento da inteligência e da personalidade é extremamente motivado, ou seja, é resultado da aprendizagem”. Ao aguçar a vontade do estudante para aprender, o professor proporciona a esse aluno uma nova realidade que o fará alçar novos voos em seu processo de desenvolvimento. O educador com sua percepção, pode auxiliar o educando com suas mediações, deixando-o perceber que somente o conhecimento é capaz de transformar sua realidade social, econômica e política.

Percebemos que os estudantes primam por novos métodos de ensino, que perpassem as paredes dos muros da escola, percebemos que esses jovens anseiam por um certo tipo de “liberdade”, por se sentirem prisioneiros do sistema educacional.

O sistema educacional brasileiro necessita de algumas mudanças, há tempos pode-se observar que educadores e educandos não conseguem se encontrar de maneira significativa dentro desse universo educacional. Muitos jovens não concluem os estudos, por não se descobrirem como sujeitos que devem e podem contribuir na construção de um novo amanhã.

Segundo o Currículo em Movimento do Ministério da Educação citando Bourdieu(1998):

Os (as) estudantes que frequentam nossas escolas e salas de aula hoje são muito diferentes dos (as) estudantes de épocas anteriores por apresentarem saberes, experiências e interesses muitas vezes distantes do que a escola na sociedade atual privilegia em seus currículos. Esse(s) novo (a) estudante requer outra escola, outro profissional, outra relação tempo-espaco escolar. A não observância desses elementos pode estar na gênese de resultados dos desempenhos escolares dos (as) estudantes, expressos pelos altos índices de reprovação, evasão e abandono escolar de uma parcela significativa da população que à escola teve acesso, mas que nela não permanece. Ou quando permanece não obtém o êxito desejado, tornando-se “excluídos do interior”.

As formas de avaliação necessitam ser mudadas para que a aprendizagem aconteça, as condições do meio influenciam no desenvolvimento do ser. As experiências acumuladas desenvolvem o pensamento do aluno.

Carrara (2004, p.146) ressalta:

Quando observamos as crianças pequenas, percebemos que cada idade se distingue por uma sensibilidade seletiva frente a diferentes tipos de ensino ou de influência dos adultos. A existência desses períodos sensitivos se explica pelo fato de que o ensino influencia principalmente aquelas qualidades que estão em processo de formação.

Ao sair com os educandos para um passeio, o professor não pode se esquecer do objetivo pedagógico que este irá acarretar para o aluno; conversar previamente com os estudantes é uma tarefa necessária para conscientiza-los de que o passeio além de um

momento de lazer também acarretara em aprendizagem, que enriquecerão os conteúdos trabalhados em sala e que contribuirão para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Com os passeios os estudantes se enriquecerão com uma nova bagagem de conhecimento, pois encontrarão um outro universo que perpassa seu ambiente cotidiano aguçando sua vontade de aprender e de descobrir novas coisas.

Os estudantes da referida escola pesquisada por exemplo que fica em uma região periférica de Brasília quando saem de seu mundo cotidiano podem se vislumbrar com vários pontos turísticos da capital que eles nunca visitaram ou se visitaram não os observaram com um olhar pedagógico que os fizessem assimilar conhecimento.

Theobalde (apud SILVA 2011, p.14) ressalta que:

[...] etimologicamente a palavra tour deriva do latim *tornare* e do grego *tornos*, significando “uma volta ou um círculo; o movimento ao redor de um ponto central ou eixo”. Esse significado mudou no inglês moderno, passando a indicar o movimento em círculo de uma pessoa. O sufixo *ismo* é definido como ação ou processo, comportamento ou qualidade típicos, enquanto o sufixo *ista* denota “aquele que realiza determinada ação. A combinação da palavra *tour* e o sufixo *ismo* e *ista* sugere a ação de um movimento em círculo ou seja, uma linha que partindo de um ponto retorna ao ponto inicial. Portanto, assim, como um círculo, um *tour* representa uma viagem circular, ou seja, o ato de partir para posteriormente regressar ao ponto inicial”.

Quando a escola se propõe a realizar essas saídas, seu objetivo pedagógico já está definido, professores, diretores e coordenação já determinam as disciplinas que serão trabalhadas e quais conteúdos serão contemplados com essa nova gama de conhecimento que os educandos trarão ao retornarem dos passeios.

Para Moesh (2002, p. 55):

Muitas vezes se reduz o conceito de prática às ações que as pessoas realizam. Mas, quando entendida no seu sentido profundo, não composto simplesmente de atividades frias, mensuráveis e quantificáveis, a prática é uma maneira de viver na história. E as pessoas vivem na história desde sua cotidianidade, com toda a sua subjetividade, indo além das ações para incluir pensamentos, intuições, credos, sonhos, esperanças, desejos. Ademais, tudo o que fazemos ou vivemos tem, para cada um de nós, determinado sentido: uma justificativa, uma explicação, uma orientação, uma razão de ser.

A prática do professor não deve ser reduzida apenas aos processos utilizados dentro do ciclo escolar, como ressaltou Moesh, a prática perpassa por pensamentos, desejos e esperança, ou seja, a prática carrega a esperança de modificar um sistema que já se faz arcaico.

O educador deve pensar que pode-se criar novas estruturas para que o processo de mudança aconteça com estabilidade, deixando os estudantes livres para expressar seja com ações ou palavras quais são suas ideias para transformar o processo educativo.

Glatter (apud SANTOS 2002, p.33) relata:

A gestão de qualquer mudança educacional significativa é uma atividade necessária e complexa que requer um conhecimento profissional profundo, capacidade de apreciação e um vasto leque de outras competências pessoais. O objetivo primeiro da atividade de gestão das escolas é criar as condições para que os professores promovam a aprendizagem dos alunos. [...] podemos afirmar com uma razoável segurança – a boa gestão é uma característica significativa das melhores escolas.

Uma mudança significativa deve ser feita com uma base forte, para que todos os atores do contexto educacional sejam envoltos numa base forte e significativa, ou seja, todos devem participar do processo de tomada de decisão, embasados em muito diálogo e escuta qualificada para que as decisões sejam tomadas de forma clara.

3.4.1 Um novo olhar sobre a prática

Ao observar as práticas desempenhadas na escola, tanto educadores, quanto gestores puderam avaliar o que pode ser modificado dentro do universo educativo. A insatisfação com o modelo tecnoburocrático, leva muitos professores a considerar novas alternativas para reorganizar a instituição educacional.

A escola é o ambiente que prepara o ser humano para abrir seus horizontes, almejar novas possibilidades e ser um sujeito pensante que se desapega de saberes arcaicos e alienados, objetivando novas possibilidades e novas aprendizagens.

É importante que o estudante se sinta livre dentro do ambiente escolar. Ele não pode continuar a perceber a sala de aula como uma cela, onde o professor se torna um carrasco. A escola com suas infinitas possibilidades e métodos pode despertar em seus alunos a vontade de aprender. O professor, como mediador do conhecimento, desperta em seu aluno a busca por novas ideias, para que o conhecimento seja aprimorado.

Dentro do ambiente pedagógico existem muitas lacunas que podem e devem ser preenchidas. Há muito o que fazer para que o conhecimento obtido por meio dos passeios sejam desenvolvidos de forma abrangente, fazendo com que a prática do passeio escolar seja absorvida efetivamente para dentro do currículo das escolas.

Costa (2002, p.161) ao citar a Enciclopédia Mirador, define currículo da seguinte maneira:

Currículo, do ponto de vista pedagógico, é um conjunto estruturado de disciplinas e atividades, organizado com o objetivo de possibilitar que seja alcançada certa meta, proposta e fixada em função de um planejamento educativo. Em perspectiva mais reduzida, indica a adequada estruturação dos conhecimentos que integram determinado domínio do saber, de modo a facilitar seu aprendizado em tempo certo e nível eficaz.

Se a escola não refletir sobre essa perspectiva, a cada dia se tornará mais difícil a permanência dos alunos dentro do ambiente escolar, pois o mundo tecnológico pode torná-las pessoas cada dia mais imediatistas. Nesse contexto, Carrara (2004) afirma que: “A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno “fique a fim” de aprender”.

Matos (2012, p. 3) ressalta:

Sabendo-se que atividade didático-pedagógica é toda atividade relacionada ao processo ensino-aprendizagem, ou seja, que tem como principal objetivo estimular o educando a aprender um determinado tipo de conhecimento em diversas áreas, considera-se turismo pedagógico toda atividade didático-pedagógica que acontece fora do ambiente físico escolar e que pode ser identificada por meio de uma excursão, viagem ou visita técnica.

Mediar passeio escolar e aprendizagem pedagógica não é um processo fácil, porém, é um processo de decisão, em que todos os envolvidos no ambiente educacional precisam experimentar. Os estudantes analisados nessa pesquisa deixam evidente quando aprendem de forma diferenciada e sentem que o aprendizado se torna significativo, pois o Passeio Escolar como ferramenta pedagógica, contribui para uma aprendizagem diferenciada, que prepara o educando para uma nova forma de pensar o aprender.

Durante muito tempo, o Passeio Escolar foi percebido apenas como uma forma de levar o aluno para uma recreação, fora dos muros da escola. Com esse método, os educadores deixavam de aproveitar essa ferramenta como uma aliada para a formação dos educandos.

Os docentes não percebiam que ao sair da sala de aula, as crianças interagem melhor e o conhecimento fluía de uma forma lúdica. Aprendiam brincando utilizando a teoria da sala de aula e a prática de estar em loco em um novo ambiente que influenciava a imaginação.

Ito (2011, p. 114) relata:

A correlação entre turismo e educação é patente. Pois na prática do turismo está presente no processo de aprendizagem, conceitos de diversas áreas do conhecimento são construídos e reelaborados, pois não se pode negar que ao visitar um lugar, o turista entra em contato com suas singularidades. Expressões artísticas, folclóricas, geografia e história, entre outros que possam estimular e enriquecer o arcabouço de conhecimentos e conceitos deste indivíduo.

Nesse contexto, ao sair do ambiente escolar o estudante entra em contato com outros indivíduos e outras formas de expressão, ele encontra um modelo novo de como obter conhecimento através do lúdico, de como interagir com os professores e com seus pares para alcançar uma nova maneira de aprender.

O Turismo é uma ciência que perpassa por inúmeras áreas do conhecimento. É multidisciplinar, porque abrange todas as disciplinas, fazendo com que uma disciplina se comunique com a outra, como por exemplo o aluno pode aprender sobre matemática durante as aulas de geografia ou sobre ciências durante as aulas de português.

Por ser uma área do conhecimento que abrange todas as áreas do saber, os passeios de Turismo pedagógico podem ser aproveitados expressivamente de maneira significativa na escola.

Do ponto de vista da prática escolar, sair da escola e aprender sobre coisas novas, possibilita ao aluno, refletir sobre a sua conexão com o mundo e com o meio social. Possibilita também descobrir que, além dos muros da escola existe a possibilidade de conhecer novas pessoas e aprender coisas novas, fatores que irão instigar sua capacidade de crítica e ampliar sua percepção do mundo.

Libâneo (apud RODRIGUES 2014, p. 137) ressalta:

Escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana, ter uma auto-imagem positiva, desenvolver capacidades cognitivas para apropriar-se criticamente dos benefícios da ciência e da tecnologia em favor do seu trabalho, da vida cotidiana e do seu crescimento pessoal.

Ao utilizar o Passeio Escolar como uma forma de mediar a aprendizagem, o professor observa que seus alunos aprendem com novas descobertas, que eles percebem que não são apenas meros espectadores, reprodutores de conhecimentos, mas que são sujeitos que interagem e aprendem com o novo.

O Passeio Escolar é um momento Turístico e Pedagógico, porque ao mesmo tempo que o aluno se desloca para um novo ambiente ele aprende interagindo nesse ambiente, sente-se “livre” e propenso a aprender. A felicidade de obter um tempo “livre” das paredes da sala de aula, proporciona a vontade de descobrir e transformar as formas de aprendizagem utilizada pelos professores.

A educação em sua essência, deveria proporcionar a vontade da mudança, da interação entre os indivíduos sociais e sua inserção na sociedade. Porém a cada dia o que percebemos é uma exclusão social e que a escola ainda é “classista” e “aborta” de seus bancos quem não se encaixa em seu padrão sócio educacional.

Nessa perspectiva, o Passeio Escolar como prática pedagógica, deve estimular no estudante suas habilidades, despertar sua curiosidade e lhes propiciar o conhecimento, não apenas dos conceitos, mas também os das práticas educativas.

Quando o aluno sai da sala de aula, não existe mais uma separação das disciplinas pois elas são aprendidas e apreendidas simultaneamente. Na realidade percebe-se que a divisão dos conteúdos em disciplinas, faz com que esses conteúdos sejam percebidos pelo estudante como algo classificatório e excludente. Como se cada conteúdo não pudesse conversar e interagir entre si e com isso suas funções se tornassem diferenciadas dentro do contexto da educação.

O processo de aprender é feito como uma obra de arte onde não se pode pular etapas para não prejudicar a finalização da obra. O educando deve ser observado pelo educador, como um pesquisador observa seu objeto de pesquisa, com cautela, passo a passo, participando de cada fase do seu desenvolvimento. Construindo assim o conhecimento dos mesmos através de métodos e metodologias, que ao final do processo os tornarão sujeitos construtores de questionamentos, embasados em reflexões fundamentadas.

Os estudantes podem analisar os passeios escolares como momentos de aprendizagem prazerosa e não apenas como momentos extraclasse. Esses momentos podem se transformar em um aprendizado lúdico, no qual o indivíduo possa avaliar os pontos turísticos, como também encontrar determinantes que lhe auxiliem na busca do conhecimento.

O professor como um construtor da aprendizagem e mediador do conhecimento pode despertar em si e no estudante a vontade de aprender, se tornando um aprendiz também dentro do universo educacional.

Freinet (2004, p. 86) afirma:

Somos todos aprendizes. Estamos todos na fase das pesquisas e ainda não descobrimos as brechas por onde subir triunfalmente aos domínios até agora proibido. Nada se disse ainda de definitivo, a não ser o humilde reconhecimento da nossa comum ignorância.

Às vezes temos medo de que a terra torne-se pequena demais para o apetite dos pesquisadores, obcecados pelo apelo da aventura e do desconhecido.

Os estudantes das periferias de Brasília, onde se concentram uma grande camada da população de baixa renda, vivem em sua maioria à margem da sociedade. São criados em uma cultura de que o lazer e o prazer de viajar só é privilégio das outras classes sociais, pois o dinheiro da renda domiciliar nem sempre sobra para a diversão.

Ao sair do ambiente escolar para conhecer outros lugares, o aluno tem a experiência de conhecer e aprender com o novo, pode observar e encontrar uma forma renovada de aprender as disciplinas e de perceber as aprendizagens sobre um novo foco e um novo olhar.

Rodrigues (2014, p. 141) ressalta:

Na busca por lugares que sirvam a educação, que transcendam o mero repasse de informações, proporcionando uma ação de educar mais participativa e libertaria, caminha-se no sentido de alinhar estes dois pressupostos: “novos espaços educacionais” e um “educar participativo”.

Para o autor, os espaços que servem para educar não são apenas o ambiente “escola”, mas sim vários outros lugares, que sirvam para que o aluno aprenda e apreenda o conhecimento. Inter-relacionando-se com o outro e com o meio social buscando uma aprendizagem exposta com leveza e que facilite sua compreensão.

Segundo Sociologia em movimento vários autores (2013, p. 248):

O Brasil tem mais de 27 milhões de jovens entre 10 e 17 anos. Muitos já enfrentam responsabilidades e situações que lhe roubam direitos básicos como saúde, lazer, educação e desenvolvimento social. Os números sobre a dura realidade desses meninos e meninas nos mostram que classe social, cor da pele, gênero e local em que vivem podem gerar desigualdades que ameaçam sua cidadania.

Os jovens das classes menos favorecidas vivem em desigualdade de condições, ou por falta de estabilidade financeira, ou pela cor da pele, ou por falta de oportunidades, e essas desigualdades às vezes comprometem sua cidadania, porém é por meio da educação que esses jovens conseguirão alcançar novos patamares em sua vida social.

Quando o estudante sai para um passeio está motivado a buscar uma nova possibilidade para seu conhecimento. A descontração de estar em um novo ambiente social o faz pensar que o aprender é uma construção que irá lhe permitir alcançar novos voos em sua trajetória. A tarefa de estudar que lhe parecia árdua se torna significativa e prazerosa.

Segundo Carrara (2004) quando o motivo impulsiona o agir a atividade se torna mais significativa e a tarefa se torna menos árdua. Possibilitando assim que os passeios escolares sejam momentos de representações e construções que despertem no aluno a compreensão de que a escola não é um espaço de aprendizagem impositiva, pois com os métodos adequados ela pode incentivar o aluno a gostar de aprender.

O próximo capítulo apresenta os principais resultados obtidos com a pesquisa, as ações propostas e futuras pesquisas.

Capítulo 4

Resultados

Este Capítulo apresenta os principais resultados obtidos com a pesquisa, e as ações propostas para que, o Passeio Escolar se torne uma ferramenta que promova o desenvolvimento cognitivo do aluno, utilizando a prática pedagógica, aliada ao Turismo Pedagógico como componentes que auxiliem o educando na construção do conhecimento.

4.1 As práticas adotadas pelos professores para mediação do aprender e a mudança do ambiente pedagógico

Ao analisar os resultados da pesquisa observamos que o Passeio Escolar visa à construção do aluno em sua totalidade, contribuindo para auxiliar os educadores em sua didática.

O Passeio escolar por muito tempo, foi visto apenas como um momento onde professores e alunos saíam da sala de aula para uma breve pausa para a diversão.

Atualmente, esse cenário vem mudando significativamente. Hoje, o Passeio mais que um momento de descontração representa uma ferramenta pedagógica, que auxilia o professor a demonstrar na prática, o que se ensina na teoria.

A escola escolhida para a realização da pesquisa, planeja seus passeios previamente, visando garantir que os conteúdos abordados durante essa Saída a Campo, sejam aproveitados pelo maior número possível de disciplinas, com o intuito de que os objetivos sejam alcançados e a multidisciplinaridade aconteça não apenas na teoria, como também na prática.

Libâneo (1994, p.120) relata:

[...] Os objetivos educacionais expressam, qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade. O caráter pedagógico da prática educativa está, precisamente, em explicitar fins e meios que orientem tarefas da escola e do professor para aquela direção.

Diante dos resultados obtidos, observamos que durante os passeios escolares, os estudantes se sentiam mais descontraídos e aptos a se expressarem, e assim conquistar o objetivo de chegar ao conhecimento. Não se sentiam tolhidos, como se fossem galhos de árvores que são podados e impedidos de alcançar o céu.

Como destaca Freinet (2004) não se pode obrigar os alunos a subir a escada degrau por degrau, pois como cada um tem seu tempo e sua essência, alguns vão querer pular degraus e outros vão querer ir pelo corrimão, mas todos poderão alcançar seus objetivos.

Nesse sentido, o professor é a peça principal do jogo da educação. Ele é o mediador das informações. É ele quem estimula e impulsiona os alunos a se desenvolverem, se integrarem na sociedade e aos grupos sociais, ter voz ativa nos processos e tomadas de decisões, tanto na escola quanto na comunidade em que vivem.

NADAL (apud CARDOSO e GATTIBONI 2015, p. 89):

Não se pode negar que é papel do professor trazer aos alunos as informações e conhecimentos produzidos historicamente e disponíveis. Entretanto, não se trata simplesmente de repassá-los mecanicamente aos alunos uma vez que o papel social da escola é permitir a apropriação crítica, criativa, significativa e duradoura do conteúdo.

Dessa forma, quando a escola resolve mudar o seu método de ensino, todo o processo de aprendizagem é modificado, pois quando o corpo docente avalia que suas propostas não estão sendo correspondidas, significa que algo tem que ser mudado.

O diretor da escola pesquisada compreendeu que, com a nova proposta da Saída de Campo os alunos estavam sendo estimulados a despertarem seus lados críticos e suas reflexões, uma vez que o aprendizado teve uma resposta positiva. Todos os estudantes se sentiram mais motivados, dispostos a estudar, a aprender e a buscar por mais conhecimento.

Libâneo (1994, p. 149) relata

Os métodos são determinados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos.

Aliar as práticas pedagógicas aos Passeios Turísticos não é uma tarefa fácil para o professor. Porém, o profissional da educação, com seus conhecimentos, deve adaptar-se a essa ferramenta que representa um suporte relevante para o universo educacional. O processo educacional por meio do turismo, provoca nos alunos mais motivação para o aprendizado, uma vez que eles sentem o significado das coisas, aprendem a discutir sobre os conteúdos e como consequência podem vir a superar, suas angústias e inquietações.

Bourdieu (2011, p.18) destaca que:

[...] Quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existem de tirar proveito da discussão e, estou certo, mais benevolentes, serão as críticas ou os conselhos (a melhor maneira de liquidar os erros- e os receios que muitas vezes os ocasionam – seria podermos rir-nos deles, todos ao mesmo tempo).

Ao saber que se pode errar, e que se houver críticas sobre esses erros, elas serão para agregar valor aos seus conhecimentos, o estudante consegue falar sobre o que necessita ser mudado nos métodos de ensino, e na prática dos professores. Os erros são apenas lapsos temporários da memória. Errar, portanto, faz parte do processo de aprendizagem. Ao perderem o medo de cometer erros, os estudantes se sentem abertos para expressar suas

opiniões, descobrindo que, é no falar e no ouvir que as acomodações da aprendizagem acontecem em suas vidas.

Durante a investigação percebemos que o ser em sua essência é singular, portanto cada um tem sua subjetividade.

Bock (1999 p. 23) afirma que: “a subjetividade é a maneira de sentir, de pensar, de fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um”. Quando o estudante se inteira de suas potencialidades e possibilidades, passa a refletir sobre o mundo com uma nova percepção. Durante os passeios escolares o estudante percebe que suas relações sociais e culturais podem modificar-se, porque ele enxerga novos horizontes, sai do seu universo cotidiano e encontra novas produções e espaços.

Bock (1999, p. 25) ressalta;

Esse é o papel de uma ciência crítica, da compreensão, da comunicação e do encontro do homem com o mundo em que vive, já que o homem que compreende a História (o mundo externo) também compreende a si mesmo (sua subjetividade), e o homem que compreende a si mesmo pode compreender o engendramento do mundo e criar novas rotas e utopias.

Observamos também pelas respostas obtidas, que o professor deve ter uma boa interação com os alunos, para que a aprendizagem aconteça. Os alunos têm um grau de potencialidade, uns mais elevados, outros não, mas todos com sua singularidade desenvolvem-se. O professor não deve apenas transmitir informações, ele precisa também saber recebê-las do aluno para que estes atinjam uma boa interação no ambiente educacional.

Libâneo (1994, p. 250):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Os estudantes da atualidade, têm interesses diferentes dos estudantes de outras épocas. Seus interesses, seus objetivos e hábitos expressam uma outra visão de como assimilam o conhecimento. Por isso é necessário o apoio de novos métodos e práticas na tarefa diária do professor.

Os professores focam seus esforços em formar sujeitos que participam do mundo do trabalho, das ações sociais e do processo de ensino aprendizagem. O método de apenas “despejar” conteúdo ficou no passado. A reflexão é elemento chave para que a aprendizagem ocorra e a compreensão da realidade faça parte da prática pedagógica.

É fato que, a prática pedagógica aliada ao turismo pedagógico estimula no aluno sua vontade de aprender, porque ao sair de sua “zona de conforto”, ele se sente motivado a

libertar seu imaginário. Ao vislumbrar novas imagens, novas paisagens, outras pessoas e outros espaços o aluno se sente livre para a obtenção de novas informações que não apenas aquelas contidas nos livros didáticos, mas nesse caso, por meio da interação com outras pessoas e outras mídias.

Observamos que o aluno em sua essência é um ser que sabe discernir sobre as novas informações, é sensível as mudanças e reage sobre os fatos históricos, ele almeja perpetuar os conhecimentos que ocorrem nos diversos percursos de sua busca pela aprendizagem.

Portanto, tornou-se evidente que o ambiente educativo é diversificado e tem vários recursos didáticos para que o aluno possa desenvolver sua aprendizagem desde que haja inovações na prática pedagógica.

Segundo o Currículo em Movimento da Educação Básica Anos Finais DISTRITO FEDERAL (2011, p. 13).

O ambiente educativo rico em recursos, materiais didáticos, atrativos e diversificados e situações problematizadoras, que contemplam todas as áreas do conhecimento disponibilizadas aos estudantes, promove a reconstrução das aprendizagens por meio da ação investigativa e criadora.

A sociedade está sempre mudando, as transformações acontecem todos os dias e a escola deve estar preparada para acompanhar todas essas mudanças. A história é escrita por pessoas que observam essas mudanças, examina os fatos e percebem o sentido das transformações.

Percebemos que os alunos da pesquisa são sujeitos que estão inseridos em um contexto social, onde alguns pais não alcançaram elevados patamares no estudo, são cidadãos que se a escola não acolher da melhor forma possível, com brevidade abandonarão sua busca na metade do caminho, pelos mais diversos fatores: falta de apoio familiar, desinteresse pela escola, exclusão social ou fatores econômicos.

Freire (1996, p.63) relata:

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos.

Seja qual for o motivo, a escola como instituição de ensino, necessita estar preparada para evitar que a evasão escolar, continue a ser a maior barreira para a construção de um país que tenha como base, cidadãos libertos da ignorância cultural, educacional e social.

A escola com suas práticas pode levar o conhecimento para além dos muros escolares envolvendo toda a comunidade em suas construções, desenvolvendo em seus alunos a vontade de continuar progredindo nos estudos, utilizando novas práticas que os auxiliem a amadurecer e se sentirem integrados no ambiente escolar.

Nessa linha de raciocínio podemos deduzir que a instituição de ensino com suas ferramentas pedagógicas pode oferecer ao aluno subsídios que os envolvam no processo de aprendizagem e na descoberta de suas capacidades.

O professor com suas habilidades de educador, não precisa classificar os alunos como competidores de uma maratona, mas sim, verificar as necessidades e os progressos do educando buscando informações que contribuam para que a aprendizagem seja aperfeiçoada.

Para aprender a ensinar, o professor tem que “aprender a aprender” para que o processo do conhecimento não seja meramente transmitido ou depositado como se fosse uma conta bancária como dizia Freire (2008). O conhecimento envolve descobertas, responsabilidades e informações relevantes, para que o que for aprendido seja apreendido pelo aluno.

Freire (2008, p. 23):

Quem ensina aprende ao ensinar e que aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto* – *alguma coisa* – e um objeto *indireto* – *a alguém*.

O ambiente escolar é um espaço de conhecimento, porém tanto os jovens quanto as crianças, sentem-se cansados da rotina. Os conteúdos se tornam exaustivos e as cobranças pelo aprender são feitas por duas vias, em casa pelos pais e na escola pelos professores. Carrara (2004, p. 140) ressalta que “o processo de desenvolvimento resulta do processo de aprendizagem. Esse processo de aprendizagem da cultura e da reprodução das aptidões humanas nela encarnadas é um processo socialmente mediado.”

Os fatos apurados nessa pesquisa sustentaram sua relevância, pois mostramos com a investigação na escola, que os passeios escolares contribuem para o desenvolvimento das aprendizagens.

4.2 O Turismo pedagógico: uma ferramenta do aprender

É importante enfatizar que, no contexto da escola pública, há necessidade de mais suporte e investimentos. A falta de subsídios ainda é um agravante para que educadores e educandos consigam desenvolver suas potencialidades.

O Turismo é uma ciência que perpassa por todas as áreas do saber. Ele precisa ser melhor explorado pelas escolas. Ao analisarmos as respostas da pesquisa pudemos observar que os professores, diretores e alunos percebem que o processo de aprendizagem torna-se mais dinâmico e é melhor assimilado, durante os passeios escolares.

O Turismo por sua multidisciplinaridade auxilia os discentes e os docentes a descobrir que o aprender não acontece somente entre as quatro paredes da sala de aula. Esse aprender pode ocorrer também, fora do ambiente escolar.

Rodrigues e Alves (2014, p. 143) relata que: “[...] O turismo pedagógico permite uma forma mais facilitada de entrelaçar teoria e prática, favorecendo as relações ensino-aprendizagem”.

O professor como mediador do ensino pode com suas habilidades “provocar” seu aluno “inquietá-lo”, despertando neste a vontade de aprender e se desenvolver para a vida.

Tanto os alunos quanto os professores devem ser pesquisadores constantes, que buscam respostas para seus questionamentos, que procuram por novos métodos de aprendizagem para descobrirem a si e ao outro.

Ito (2011, p. 118) ressalta que:

A motivação é a fase que desencadeia o processo, inicia-se com a percepção de fatos e acontecimentos que são foco de discussão no dia a dia, ou que está nas páginas de jornais e revistas. Após a identificação do interesse pelo assunto, naturalmente surge a proposição da visita em loco.

O Turismo carrega em si uma espécie de “equilíbrio”, por ter em sua essência enquanto ciência, a fórmula para aliar a prática pedagógica e o prazer de aprender ludicamente, dois ingredientes essenciais para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

A prática do Turismo na contemporaneidade surge nas escolas como uma forma de (re) significar a aprendizagem, na busca de auxiliar a prática docente, intervindo nas relações professor-aluno. Ao repensar as práticas adotadas na escola, e incluir o Turismo Pedagógico nessas práticas, os gestores estão primando pela mudança que se faz necessária no ambiente educacional contemporâneo.

Rodrigues e Alves (2014, p. 141) salientam que: “O turismo, assim pode ser encarado como uma metodologia contemporânea que pretende fornecer, novos ares a motivação de educadores e educandos, no que concerne a prática educativa”.

Na busca de aliar o turismo às práticas pedagógicas, os professores que participaram da pesquisa perceberam que após os passeios, seus alunos já não se sentiam mais instigados a aprender por métodos tradicionais, com meros repasses de informações. Os alunos “questionavam” sobre uma nova forma de encarar a educação, de repensar sobre suas aprendizagens e sobre os métodos utilizados na escola.

Para que a prática pedagógica e a prática turística na escola estejam alinhadas é necessário que todos os envolvidos no processo educativo professores, alunos, diretores e coordenação sejam participantes dessas práticas, que não estejam apenas à margem percebendo a mudança do processo, mas que interajam e façam parte dessas mudanças. As pessoas devem usar seu pensamento crítico, respeitar a diversidade de opiniões para que se faça uma releitura dos acontecimentos e seus reflexos sobre si e sobre o outro.

Hallbwachs (2006, p. 65) ressalta:

De qualquer maneira, à medida que cedemos sem resistência a uma sugestão, externa, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que em geral a maioria das influências sociais a que obedecemos permanece desapercibida por nós.

Incluir os alunos nos espaços turísticos faz com esses descubram coisas novas e exercitem sua capacidade de pensamento. Ao sair para conhecer um novo ambiente o estudante se sente parte integrante daquele ambiente, se sente incluído em um novo lugar, porque para os estudantes da periferia de Brasília, ainda é uma realidade distante de ser alcançada. Tudo que se relaciona a cidade parece inatingível, seja por falta de recursos financeiros, seja por limitações que lhes foram impostas durante seu desenvolvimento social.

Para que a realidade desses estudantes tenha uma mudança significativa, eles necessitam perceber que o conhecimento nasce da compreensão, que as dificuldades existem, porém a comodidade só os distanciará mais ainda, da solução dessas dificuldades.

Saber enfrentar as dificuldades é uma forma de se rebelar contra a imposição do sistema, que ainda insiste em excluir do contexto social, aqueles que se tornam uma pedra no sapato da sociedade, podendo cidadãos que poderiam com sua rebeldia ou falta dela contribuir para o enriquecimento do universo social.

Popper (apud PAVIANE 2009, p. 26) salienta:

A cada passo adiante, a cada problema que resolvemos, não só descobrimos problemas novos e não solucionados, porém, também, descobrimos que aonde acreditávamos pisar em solo firme e seguro, todas as coisas são, na verdade, inseguras e em estado de alteração contínua.

No processo de desenvolvimento educacional o aluno passa por diversas fases e ao professor como mediador desse desenvolvimento cabe auxiliar esses alunos a desenvolver-se com qualidade buscando alternativas para que as aprendizagens desenvolvidas nesse processo aconteçam de maneira significativa e humanizada.

Durante a permanência do aluno na escola seu processo de aprendizagem deve ser uma permanente conquista, com a interação de práticas e saberes que devem ser expostos

instigando o estudante a desenvolver seu senso crítico e suas reflexões promovendo a obtenção do conhecimento e do trabalho coletivo.

Os trabalhos e os projetos desenvolvidos pela escola devem ter o foco no aprendizado do estudante, para que ele aprenda e compreenda o que está sendo abordado. As disciplinas devem ser contextualizadas, elaboradas de maneira a respeitar o limites a as limitações de cada aluno.

Para Carrara (2004, p. 148):

[...] promovemos aprendizagem e, conseqüentemente, desenvolvimento, à medida que respondemos ao desejo ou à necessidade de conhecimento das crianças. Ainda nessa perspectiva, a atividade que faz sentido para a criança é a chave pela qual ela entra em contato com o mundo, aprende a usar a cultura e se apropria das aptidões, capacidades e habilidades humanas.

O trabalho do docente é promover a aprendizagem levando o estudante a encarar o mundo de outra forma, o qualificando para o processo de apropriação dos conhecimentos e desenvolvimento de suas qualidades e capacidades humanas.

A compreensão desse fato pelo professor o leva a reflexão de que a aprendizagem é construída pelo interesse e a motivação dos alunos e que as atividades devem estar relacionadas a esses interesses e o passeio escolar é a ferramenta pedagógica que desperta esse interesse no aluno.

Considerações Finais e Recomendações

Esta pesquisa apresentou como os Passeios Turísticos ou Saídas de Campo podem auxiliar no processo ensino aprendizagem perpassando todas as disciplinas e todos os atores do ambiente educacional.

Buscamos (re) pensar as práticas educativas para (re) elaborar e (re) organizá-las para contribuir significativamente com as relações educandos e educadores; trabalhando os conhecimentos adquiridos nos Passeios Escolares.

Procuramos encontrar caminhos que nos levassem a entender como os educandos percebiam os momentos vivenciados dentro e fora do ambiente educacional, como esses momentos juntamente com as práticas pedagógicas os auxiliavam no seu processo de aprendizagem.

Constatamos que os educandos são sujeitos aptos para participar do processo educativo, apesar de alguns ainda perceberem os passeios como momentos apenas de diversão e de liberdade. Porém esses estudantes ainda que sem perceberem, aprendem com essa diversão, pois ao se sentirem livres já estão aprendendo que a liberdade de se expressar, faz parte do processo ensino aprendizagem. Aqui, percebemos uma antítese que segundo Cirne Lima *apud* Paviane (2009) “antítese não são conceitos contraditórios (Ser e Não-Ser) e, sim, conceitos contrários (Ser e Nada).”

Muitos dos estudantes avaliados perceberam os passeios escolares como um momento de aprendizagem significativa. Avaliaram que ao saírem do contexto escolar para vivenciar na prática o que aprenderam na teoria, os capacitavam a fixar melhor os conteúdos, uma vez que puderam fazer a correlação entre o que aprenderam na teoria, com os livros o que presenciaram em loco durante o passeio.

Os educadores também perceberam que, as saídas do ambiente escolar promoveram um revigoramento para os educandos e para eles, pois ao ensinar de uma maneira lúdica tudo se torna mais leve e as disciplinas podem ser trabalhadas de forma dinâmica sem atos e gestos mecanizados.

Aliar teoria e prática não é tarefa fácil, mas necessária, a reestruturação dos métodos de ensino faz-se latente, a necessidade de uma nova pedagogia que promova uma

aprendizagem que não seja verticalizada se tornou primazia para um novo modelo educacional.

Não queremos apenas expor com essa pesquisa o que deve ser reelaborado, mas mostrar também o que funciona e o que necessita ser extinto.

A necessidade de se sentirem livres, que tantas vezes foram repetidas nas respostas dos educandos, nos fez questionar como esses cidadãos ainda tão jovens, podem se sentir prisioneiros. Estão enclausurados pelo sistema educacional brasileiro que ainda é tão falho ou estão enclausurados dentro de si mesmo procurando respostas que ninguém faz questão de responder?

O silêncio de uma classe escolar pode não significar apenas bom comportamento. Pode significar imposição de poder e perda de criticidade. Ao pensar no novo educando temos que enxergar como um sujeito crítico, reflexivo, com empoderamento, apto a interagir na sociedade, com pleno saber dos seus deveres e direitos.

A escola deve promover a aprendizagem, visando formar cidadãos preparados para exercer sua autonomia na sociedade. Os passeios escolares auxiliam os professores, uma vez que possibilita ao aluno trabalhar em grupo, conviver com seus pares e com outras pessoas fora do contexto escolar, os auxiliando na experimentação do mundo fora dos muros da escola.

O passeio Turístico, por sua vez, pode levar o educando para um novo contexto, onde suas habilidades possam ser exploradas, e suas capacidades cognitivas serem observadas pelo professor, pois o professor tem a habilidade de ser o observador que identifica em cada um de seus educandos seu potencial de desenvolvimento.

Ao sair do ambiente escolar o educando deixa aflorar sua sensibilidade ao visitar um museu, ao ir a um teatro, ao cinema, a pontos turísticos, etc. Nestes momentos, o aluno se sente liberto de sua carapaça de estudante e se torna um pesquisador, um sujeito que descobre através de suas buscas e observações, que existe um novo universo fora dos muros escolares que pode ser desbravado por intermédio de suas pesquisas.

Pensar, conhecer e perceber a aprendizagem sobre uma nova ótica, nos levou a uma interpretação de que a realidade social do universo educacional precisa passar por várias mudanças, tanto do ambiente físico quando do universo curricular.

A escola pesquisada demonstrou que interage com seus educandos, ouve suas propostas e usa suas “Saídas de Campo” como uma ferramenta para a aprendizagem pedagógica.

Percebemos portanto, que os estudantes se sentem motivados a aliar prática e teoria quando saem da sala de aula e buscam por meio dos passeios uma nova forma de aprender e apreender os conhecimentos, fazendo uma releitura do que é o processo de ensino aprendizagem.

Evidenciou-se que as práticas por meio dos passeios pedagógicos na escola acontecem, porém de forma ainda pouco significativa porque nem todos os alunos têm acesso a essas práticas, por falta de recursos financeiros para arcar com os custos dos passeios escolares.

Nossa proposta é que professores, coordenadores e diretores analisem como montar um currículo que se adeque a realidade social, cultural e psicológica dos estudantes da periferia. Não tem como se falar em igualdade sem falar em exclusão. Por mais que a escola avance em vários aspectos, ainda não se consegue tratar os diferentes como iguais. A exclusão não é apenas relacionada à deficiência física, ela também está relacionada à diferença social, espacial e cultural.

A prática do Passeio Escolar é uma ferramenta pedagógica que a escola pode utilizar para aliar o turismo pedagógico às práticas educacionais, desenvolvendo em seus alunos a vontade de aprender, utilizando o turismo como uma ponte de mediação para o aprendizado.

A escola precisa se libertar dos métodos tradicionais que já não surtem tantos efeitos. Vivemos em um mundo novo, onde os estudantes conhecem seus direitos e sentem sede de exercê-los. Não se pode continuar a cercear as crianças e os jovens retirando as suas capacidades de crescimento intelectual. Sabemos dos desafios e enfrentamentos que os profissionais de educação passam todos os dias dentro do ambiente educacional, mas não é impondo que alcançaremos o respeito. Imposições muitas vezes só causam mais rebeldia, levando o estudante a evadir da escola.

A educação tem em sua essência a ferramenta que por intermédio de suas teorias e práticas pode modelar e transformar vidas.

Pesquisas Futuras

Neste trabalho de pesquisa não foi possível verificar todos os efeitos que o Passeio Escolar pode desenvolver no ambiente escolar, com a integração do estudante no processo de aprendizagem, pois os dados apurados não foram aprofundados devido a algumas respostas não contemplar plenamente a pergunta elaborada.

Sugere-se portanto, que novas pesquisas sejam realizadas para que outras escolas tanto públicas quanto particulares sejam percorridas pelo olhar de um observador, para que se tenha uma visão mais ampla das práticas educacionais que são aplicadas durante os Passeios Turísticos.

Sugere-se também a criação de um projeto educacional que inclua o Passeio Escolar enquanto Turismo Pedagógico, no currículo das escolas da rede pública. É importante que esses passeios sejam gratuitos, para que todos os estudantes possam desfrutar dessa forma de aprendizagem, pois devido à falta de recursos de muitas famílias, nem todos os alunos podem participar dos passeios escolares que são promovidos pela escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Constituição Federal do Brasil de 1988. 2. Emenda Constitucional, Brasil. 3. Revisão Constitucional, Brasil. 1988.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo** / Mário Carlos Beni. – 10.ed. Atual. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L.T. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia**. Barra Fund: Saraiva, 2002.
- CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Editora Vozes 1996.
- CARDOSO, Helen Rodrigues; GATTIBONI, Maria de Lourdes Soares. Turismo pedagógico, uma alternativa para integração curricular. Revista Professare, ISSN 2238-9172, Caçador, v 4 n° 1 p. 85-110, 2015.
- CARRARA, Kester. (org) **Introdução à Psicologia da Educação**. Seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
- COSTA, Marisa Vorraber. **O Currículo nos limiars do contemporâneo**. Org – 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DEMO, Pedro. **A nova LDB ranços e avanços**. Campinas – SP. Editora Vozes.1993.
- DISTRITO FEDERAL; Secretaria de estado de Educação. Currículo em Movimento. Disponível em: [http://www.se.df.gov.br/component/content/article/282 - midias/443 - curriculoemmovimento.html](http://www.se.df.gov.br/component/content/article/282-midias/443-curriculoemmovimento.html). Acesso em: 04 de jul. de 2017.
- DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. Tradução: Luiz Octávio de Lima Carvalho; Marília Ansarah. São Paulo: Sesc. Studio Nobel, 1994.
- FONTES, Rejane de Souza. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v 30, n.2, p. 271-282, maio/ago. 2004.
- FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**; tradução J. Baptista. 7. ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- ITO, Claudemira Azevedo. **Turismo Valorização do Patrimônio em Presidente Prudente: Experiência com Aula Passeio**. V4, N°2 p. 193-211,2010. Disponível em: revista. Fct.unesp.br/index.php/topos/article/viewFile/2258/2067. Acesso em: 02 de set. de 2016.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Introdução às Ciências Humanas – Análise de Epistemologia Histórica**. São Paulo: Editora Letras & Letras, 2002.
- JOAQUIM, Rayane; BRESSAN, Luiza Liene; CARDOSO, Alcione Damasio; ASCARI, Giovanni Alberton. **Avaliação: da classificatória à formativa – um estudo sobre práticas avaliativas**. Rev. Ciênc. Cidadania.v.2, n.1, 2016. Disponível em: periódicos.unibave.net/index.php/cienciaecidadania/article/view/58. Acesso em 24 de set. de 2017.

LAKATOS, Eva Maria. Marina de Andrade Marconi. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] – 5 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática** – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. Série formação do professor.

LIMA, Erisevelton Silva. **O Diretor e as Avaliações Praticadas na Escola**. UNB, 2011. Disponível em: www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/10108/2011_EriseveltonSilvaLima.pdf. Acesso em: 10 de fev. de 2017.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MATOS, Francisco de Castro. **Turismo pedagógico: o estudo do meio como ferramenta do currículo escolar**. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Turismo e Paisagem : relação complexa. Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo. Caxias do Sul – RS, 16 e 17 de novembro, 2012. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt01/arquivos/01/01_Mattos Acesso em: 02 de abr. de 2017.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOESCH, Marutschka Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. Tese de Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo, da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo** / Edgar Morin; tradução Eliane Lisboa. 4. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. 72 p. Disponível em: http://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof._Maxwell.pdf. Acesso em: 12 de ago. de 2017.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico** / Jayme Paviani. – Caxias do Sul: Educs; 2009.

PERINOTTO, André R. C. **Turismo Pedagógico: uma ferramenta para a educação ambiental**. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 8, N 1, 2008. Disponível em: [http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=viewFile&path\[\]=261&path\[\]=186](http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=viewFile&path[]=261&path[]=186) Acesso em: 05 de jul. de 2016.

RAMOS, Ricardo Gomes e TELLES, Priscila S. **A impressão docente e discente na inclusão do turismo pedagógico como componente de uma escola da rede particular de Teresina** – Piauí, Brasil. 5º Congresso Latino Americano de Investigação Turística. Disponível em: http://gtci.com.br/congressos/congresso/2012/pdf/eixo7/Ramos_Teles.pdf. Acesso em: 10 de ago. de 2016.

RODRIGUES, Alberto T. **Sociologia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

RODRIGUES, Emanuelle e ALVES, Kerley dos Santos. **Turismo pedagógico: busca por novos significados para a escola**. Cenário. Brasília. V, 2, n 3/ 131-151/ Dez. 2014/ p.

131.Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/11120/8750>. Acesso em: 04 de fev. de 2017.

SANTOS, Clóvis Roberto do. **O gestor educacional de uma escola em mudança** / Clóvis Roberto dos Santos. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SAVIANI, Demerval. **As Teorias da educação e o problema da marginalidade**. In: SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados. 2002.

SCREMIN, Juliane. Aprendizado Diferenciado: Turismo pedagógico no âmbito escolar. Curitiba. V. 1, p. 26-42, jan./dez. 2012. Disponível em: <http://www2.puc.pr.br/repl/index.php/turismo?dd99=pdf&dd1=7031>. Acesso em: 04 de fev. de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. rev. Atual - São Paulo: Cortez 2007.

SILVA, Ariane Abrunhosa. **Museu Virtual de Brasília: um instrumento de promoção do turismo**. Universidade de Brasília Centro de Excelencia em Turismo. Brasília- DF Março 2011. Disponível em: repositorio.unb.br/bitstream/10482/8846/1/2011_ArianeAbrunhosa... · Arquivo PDF. Acesso em: 24 de abr. de 2017.

SOCIOLOGIA. Ensino médio. Vários autores. **Sociologia em movimento**. – 1. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

SMART, Barry. **Sociologia Fenomenologia e análise marxista: Uma discussão crítica da teoria e da prática de uma ciência da sociedade**. Rio de Janeiro. Editora Zahar 1978.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Virando a escola pelo avesso por meio da avaliação**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte**: tradução Paulo Bezerra – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário aplicado aos docentes

Este Apêndice apresenta o questionário que foi respondido pelos professores da escola, com o fim de obter informações sobre como esses profissionais percebem suas práticas pedagógicas aliadas ao passeio escolar.

Senhor (a),

Como aluna do Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília - UnB estou desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de analisar quais são as práticas adotadas pelos profissionais da educação que possibilitam a promoção do turismo no ambiente escolar, como forma de aprendizagem e desenvolvimento educacional. Este questionário é o instrumento para complementar a pesquisa. Espera-se obter informações sobre a prática dos Passeios Escolares realizados nesta Instituição de Ensino e entender de que forma eles influenciam na aprendizagem dos alunos. Dessa forma, solicito sua valiosa colaboração respondendo ao questionário a seguir:

Questionário

1. Quais são as práticas pedagógicas utilizadas pela escola para despertar o interesse e a imaginação dos alunos durante os passeios escolares?
2. Quais são as disciplinas trabalhadas pelos professores com a prática dos passeios escolares?
3. Como a escola faz a mediação do passeio escolar com a prática pedagógica?
4. Qual ou quais os objetivos que os professores almejam com o passeio escolar?
5. A escola utiliza o passeio escolar como um momento de lazer turístico de aprendizagem?
6. Os procedimentos/ferramentas utilizados para o passeio escolar trabalham a capacidade cognitiva do aluno?
7. Quais são essas ferramentas?

Apêndice B

Questionário aplicado aos alunos

Este Apêndice apresenta o questionário utilizado com os alunos da escola, para que eles expusessem como se sentiam ao saírem do ambiente escolar para experimentar uma nova forma de aprender através do passeio escolar.

Prezados estudantes

Como aluna do Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília - UnB estou desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de analisar quais são as práticas adotadas pelos profissionais da educação que possibilitam a promoção do turismo no ambiente escolar, como forma de aprendizagem e desenvolvimento educacional. Este questionário é o instrumento para complementar a pesquisa. Espera-se obter informações sobre a prática dos Passeios Escolares realizados nesta Instituição de Ensino e entender de que forma eles influenciam na aprendizagem dos alunos. Dessa forma, solicito sua valiosa colaboração respondendo ao questionário a seguir:

Questionário

1. O que representa para você o passeio escolar: um momento de obtenção de conhecimento ou um momento de diversão?
2. Na sua opinião, sua escola deveria promover mais passeios durante o ano letivo? Por que?
3. Os lugares visitados durante os passeios escolares despertam a sua curiosidade em aprender?
4. Em sua opinião, como o passeio pode contribuir para o seu aprendizado?
5. Como você se sente ao sair da escola para visitar um ambiente que está fora dos muros da escola?

Apêndice C

Questionário aplicado ao diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico

Este Apêndice apresenta o questionário que foi respondido pelo diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico da escola, com o fim de obter informações sobre como esses profissionais percebem suas práticas pedagógicas aliadas ao passeio escolar.

Senhor (a),

Como aluna do Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília - UnB estou desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de analisar quais são as práticas adotadas pelos profissionais da educação que possibilitam a promoção do turismo no ambiente escolar, como forma de aprendizagem e desenvolvimento educacional. Este questionário é o instrumento para complementar a pesquisa. Espera-se obter informações sobre a prática dos Passeios Escolares realizados nesta Instituição de Ensino e entender de que forma eles influenciam na aprendizagem dos alunos. Dessa forma, solicito sua valiosa colaboração respondendo ao questionário a seguir:

Questionário

1. Como o coordenador pedagógico e o diretor escolar podem auxiliar professores e educandos para que as Saídas de Campo se tornem um complemento da prática pedagógica?
2. O diretor da escola permite que o educando se envolva no processo de escolha dos locais a serem visitados?
3. A equipe pedagógica participa das decisões de como serão os roteiros de visitação, e quais práticas pedagógicas serão utilizadas durante e após as Saídas de Campo?
4. As práticas desenvolvidas na escola, contribuem para que o educando perceba a Saída de Campo como um momento de Turismo e aprendizagem pedagógica?
5. As Saídas de Campo realizadas em outras Regiões Administrativas despertam a curiosidade, a criticidade e a reflexão dos educandos e educadores?